



Yilan Shen

Análise de dificuldades de alunos chineses e portugueses nas orações relativas em Língua Portuguesa



Yilan Shen

Análise de dificuldades de alunos chineses e portugueses nas orações relativas em Língua Portuguesa

dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, realizada sob a orientação científica da Doutora Rosa Lídia Torres do Couto Coimbra e Silva e da Doutora Ran Mai, docentes do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

o júri

presidente

Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Sara Topete de Oliveira Pita
Professora Adjunta Convidada da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda da
Universidade de Aveiro (arguente)

Prof. Doutora Rosa Lúcia Torres do Couto Coimbra e Silva
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora).

agradecimentos

Agradeço, por este meio, a todos que me ajudaram ao longo da realização da presente dissertação.

À Professora Doutora Rosa Lúcia Coimbra, a minha orientadora, pela sua orientação atenciosa e responsável, pela sua paciência e o apoio constante, pelas correções cuidadosas, pelas suas sugestões e inspirações pertinentes que me deu.

À Professora Doutora Ran Mai, a minha coorientadora, pela sua simpatia e responsabilidade, pelos conselhos proveitosos e imprescindíveis durante a elaboração da parte teórica da Língua Chinesa e da parte prática do meu trabalho.

Aos docentes do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e do Curso de Língua e Cultura Portuguesas da Universidade dos Estudos Internacionais de Xi'an, pelos conhecimentos que me transmitiram durante todo o processo da minha aprendizagem de Português.

À minha amiga Yueyuan Xu, pelas sugestões importantes na elaboração do inquérito.

Aos meus pais, pelo amor e carinho, por me apoiarem sempre em isto e aquilo, e por respeitarem as minhas ideias e decisões.

palavras-chave

orações relativas, Língua Portuguesa, Língua Chinesa, dificuldades, problemas, alunos chineses, alunos portugueses.

resumo

A presente dissertação visa analisar as dificuldades dos alunos chineses e portugueses nas orações relativas, as quais residem principalmente nos pronomes relativos e na compreensão da frase, com o objetivo de obter considerações que possam vir a ser aplicadas ao ensino e aprendizagem destas estruturas. O trabalho é constituído por três partes: as teorias gramaticais das orações relativas em Português e formas correspondentes em Chinês, a análise dos inquéritos aos alunos chineses e portugueses, e a reflexão dos problemas principais, como referência para o melhoramento do processo de ensino-aprendizagem deste tópico gramatical.

keywords

relative clauses, Portuguese Language, Chinese Language, difficulties, problems, Chinese students, Portuguese students.

abstract

This dissertation aims at analysing the difficulties of Chinese and Portuguese students in the relative clauses, which mainly reside in relative pronouns and in the comprehension of the sentence, with the purpose of obtaining considerations for the teaching and learning of these structures. This thesis consists of three parts: the grammatical theories of relative clauses in Portuguese and its corresponding forms in Chinese, the analysis of the Chinese and Portuguese students' inquiries, and the reflection of the main problems as a reference for the improvement of the teaching and learning process of this grammatical topic.

Índice

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO NA LÍNGUA PORTUGUESA	9
1.1 a língua portuguesa.....	9
1.2 a noção da subordinação na língua portuguesa	9
1.3 apresentação geral da subordinação relativa	11
1.3.1 estrutura e propriedades gerais da subordinação relativa	11
1.3.2 orações relativas com antecedente explícito e implícito	12
1.3.3 orações relativas restritivas e explicativas/apositivas.....	14
1.3.4 orações relativas de nome e de frase	16
1.4 análise das palavras relativas.....	17
1.4.1 o conceito de constituinte relativo.....	17
1.4.2 apresentação geral das palavras relativas	18
1.4.3 propriedades e emprego das palavras relativas.....	19
1.4.3.1 que	19
1.4.3.2 o que	21
1.4.3.3 o qual	21
1.4.3.4 quem	23
1.4.3.5 cujo	24
1.4.3.6 quanto	24
1.4.3.7 onde	25
1.4.3.8 como	26
1.5 intervenientes possíveis na compreensão das frases relativas.....	27
1.5.1 recursividade.....	27
1.5.2 tipo de encaixe	28

1.5.3 alteração da ordem canónica.....	28
CAPÍTULO II ANÁLISE DO INQUÉRITO	31
2.1 apresentação geral do inquérito	31
2.2 análise da primeira parte do inquérito	33
2.2.1 perfil dos inquiridos.....	33
2.2.2 há quantos anos estuda português.....	35
2.2.3 parte e nível de dificuldade na aprendizagem das orações relativas	35
2.3 análise da segunda parte do inquérito.....	37
2.3.1 exercícios das palavras relativas.....	37
2.3.1.1 resultados do exercício 1. 1).....	37
2.3.1.2 resultados do exercício 1. 2).....	38
2.3.1.3 resultados do exercício 1. 3).....	39
2.3.1.4 resultados do exercício 1. 4).....	39
2.3.1.5 resultados do exercício 1. 5).....	40
2.3.1.6 resultados do exercício 1. 6).....	41
2.3.1.7 resultados do exercício 1. 7).....	42
2.3.1.8 resultados do exercício 1. 8).....	43
2.3.1.9 resultados do exercício 1. 9).....	44
2.3.1.10 resultados do exercício 1. 10).....	45
2.3.2 exercícios da compreensão da frase.....	46
2.3.2.1 resultados do exercício 2. 1).....	46
2.3.2.2 resultados do exercício 2. 2).....	47
2.3.2.3 resultados do exercício 2. 3).....	49
2.3.2.4 resultados do exercício 2. 4).....	50
2.3.2.5 resultados do exercício 2. 5).....	51

2.3.2.6 resultados do exercício 2. 6).....	52
CAPÍTULO III DIFICULDADES E PRINCIPAIS PROBLEMAS	59
3.1 análise geral dos erros mais comuns dos inquiridos.....	59
3.1.1 problemas comuns em relação às palavras relativas	59
3.1.2 dificuldades comuns no processamento das orações relativas	63
3.2 interferências da língua chinesa que dificultam a aprendizagem das orações relativas de português por alunos chineses	64
3.2.1 língua chinesa	65
3.2.2 interferências na aprendizagem das palavras relativas	66
3.2.3 interferências na compreensão da frase	69
3.2.3.1 diferenças na ordem dos constituintes nas frases relativas.....	69
3.2.3.2 complexidade da estrutura frásica	69
3.3 análise da diferença do desempenho no inquérito entre os alunos chineses e portugueses	72
CONCLUSÃO.....	75
BIBLIOGRAFIA	79
ANEXO	81

Índice de figuras e tabelas

Figura 1 -- Mapa da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa)	9
Figura 2 – Mapa da distribuição dos falantes da Língua Chinesa.....	65
Tabela 1 – classificação morfológica das palavras relativas em Português	18
Tabela 2 – formas correspondentes de algumas palavras relativas em Chinês	71

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Idade dos inquiridos	33
Gráfico 2– Sexo dos inquiridos	33
Gráfico 3 – Nacionalidade dos inquiridos	34
Gráfico 4 – Língua materna dos inquiridos	34
Gráfico 5 – Há quantos anos estuda português	35
Gráfico 6 – A parte que acha mais difícil na aprendizagem das orações relativas	36
Gráfico 7 – Acha que as orações relativas são difíceis ou não	36
Gráfico 8 – Resultados do Exercício 1. 1).....	38
Gráfico 9 – Resultados do Exercício 1. 2).....	39
Gráfico 10 – Resultados do Exercício 1. 3).....	39
Gráfico 11– Resultados do Exercício 1. 4).....	40
Gráfico 12 – Resultados do Exercício 1. 5).....	41
Gráfico 13 – Resultados do Exercício 1. 6).....	42
Gráfico 14 – Resultados do Exercício 1. 7).....	43
Gráfico 15 -- Resultados do Exercício 1. 8).....	44
Gráfico 16 -- Resultados do Exercício 1. 9).....	45
Gráfico 17 -- Resultados do Exercício 1. 10).....	45
Gráfico 18 -- Resultados do Exercício 2. 1).....	47
Gráfico 19 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 1).....	47
Gráfico 20 -- Resultados do Exercício 2. 2).....	48
Gráfico 21 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 2).....	48
Gráfico 22 -- Resultados do Exercício 2. 3).....	49
Gráfico 23 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 3).....	50
Gráfico 24 -- Resultados do Exercício 2. 4).....	50
Gráfico 25 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 4).....	51
Gráfico 26 -- Resultados do Exercício 2. 5).....	51
Gráfico 27 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 5).....	52
Gráfico 28 -- Resultados do Exercício 2. 6).....	53
Gráfico 29 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 6).....	54
Gráfico 30 -- Resultados do Exercício 2. 7).....	54

Gráfico 31 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 7).....	55
Gráfico 32 -- Resultados do Exercício 2. 8).....	56
Gráfico 33 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 8).....	56
Gráfico 34 -- Resultados do Exercício 3. 1).....	57
Gráfico 35 -- Resultados do Exercício 3. 2).....	58
Gráfico 36 – Apresentação geral da percentagem das respostas certas.....	62
Gráfico 37 – Apresentação geral dos resultados do Exercício 3	64
Gráfico 38 – Percentagem dos acertos em média.....	72

Introdução

Aprender línguas estrangeiras tem sido uma tendência incontornável graças à globalização e ao crescimento constante dos intercâmbios entre os países do mundo. Na China, a Língua Portuguesa é, hoje em dia, considerada como umas das línguas estrangeiras mais procuradas, com o desenvolvimento das relações sino-lusófonas. Contudo, a aquisição de uma língua estrangeira nunca é fácil e conta com a especificidade de cada indivíduo ou grupo, o que tem incentivado o estudo das metodologias de aprendizagem de língua estrangeira. Segundo Leiria (1996, p. 71):

Saber uma língua tem significado coisas diferentes em função da época ou do indivíduo. Para muitos e durante muito tempo, significou, antes de mais, compreender textos escritos nessa língua. Para outros tem significado aprender a usá-la como instrumento de comunicação com outros falantes que a têm ou não como língua materna. Mas, de facto, os diferentes objectivos do público têm sido uma influência decisiva nas propriedades e métodos de ensino.

Neste contexto, o nosso trabalho tem como objetivo contribuir para compreender o processo de aprendizagem das orações relativas para os alunos chineses e portugueses, mediante a análise dos principais problemas e dificuldades particulares dos dois grupos nesse tópico gramatical. A subordinação relativa desempenha um papel muito importante na gramática portuguesa, pois muitas vezes as palavras ou frases simples não são suficientes para exprimirmos as nossas ideias. E devido à complexidade da sua estrutura, coloca certas dificuldades aos aprendentes, especialmente aos alunos chineses, cuja língua materna apresenta um sistema correspondente totalmente distinto nesse tópico. O nosso trabalho, com foco nos problemas que os alunos chineses e portugueses podem ter na aprendizagem das orações relativas, pode proporcionar considerações e inspirações úteis para o ensino e aprendizagem dessa matéria no futuro.

O trabalho compõe-se de três capítulos. No primeiro capítulo aborda-se a contextualização teórica da subordinação relativa na Língua Portuguesa: as noções acerca da subordinação relativa, a sua estrutura, classificação e propriedades, as regras do emprego das palavras relativas e várias dificuldades possíveis no processamento das orações relativas. Esta parte fundamenta-se nas teorias adotadas em alguns livros de gramática portuguesa, principalmente: *Gramática do Português* (vol. 2) de Raposo, E. B. P., Nascimento, M. F. B., Mota, M. A. C., Segura, L. & Mendes, A. (2013), *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cintra, L. & Cunha, C. (2002), *Gramática da Língua Portuguesa* de Vilela, M. (1999), “Compreensão e produção de frases relativas em Português Europeu” de

Vasconcelos, M. (1996), etc.

O segundo capítulo constitui a parte prática do nosso trabalho. Realizamos um inquérito a 24 alunos portugueses da Universidade de Aveiro e a 24 alunos chineses que estudam Português na Universidade dos Estudos Internacionais de Xi'an, a fim de conhecer as opiniões dos alunos em relação à aprendizagem das orações relativas e as dificuldades que sentem através de perguntas e exercícios. Após a recolha do inquérito, logo nesse capítulo, apresentamos os resultados detalhadamente usando gráficos.

No terceiro capítulo, analisam-se os erros mais comuns produzidos pelos inquiridos e o contraste do desempenho entre os alunos chineses e portugueses. Para examinar as causas possíveis dos erros dos alunos chineses, comparamos a subordinação relativa em Português com a forma correspondente na Língua Chinesa, com base nas teorias expostas em *Gramática Básica de Chinês para Falantes de Português*. (no prelo) de Mai, R., Pereira, U. & Morais, C., *Ensino de Chinês a Falantes de Português, o caso da Universidade de Aveiro* de Mai, R. (2012), etc. O nosso estudo confirma que a língua materna dificulta obviamente a aprendizagem por parte de alunos chineses pela sua diferença substancial relativamente ao Português.

No final, propomos algumas sugestões metodológicas que podem servir como referências para futuros estudos no âmbito do ensino e aprendizagem das orações relativas de Português.

Capítulo I – Enquadramento teórico na Língua Portuguesa

Este capítulo constitui a fundamentação teórica relativamente à língua portuguesa destinada ao nosso trabalho, em que se introduzem, primeiro, os conceitos da subordinação, com as suas propriedades, estrutura e tipologia. A seguir centra-se na subordinação relativa, o foco do nosso trabalho, ao examinarmos a estrutura e propriedades gerais, pronomes relativos e as possíveis dificuldades dos alunos na compreensão da frase, como base do estudo comparativo entre o chinês e o português neste tópico gramatical e da análise dos erros dos alunos no inquérito.

1.1 A Língua Portuguesa

O português é uma língua românica falada em diversos pontos do globo como língua oficial (ver figura 1).



Figura 1 -- Mapa da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa)
Fonte: https://www.cplp.org/Files/Billeder/cplp/bandeiras/Mapa_CPLP.jpg

Segundo o Instituto Internacional da Língua Portuguesa, estima-se que a “Língua Portuguesa é neste momento utilizada por 261 milhões de pessoas, sendo a quarta língua mais falada no mundo, atrás do mandarim, do espanhol e do inglês”¹.

1.2 A noção da subordinação na Língua Portuguesa

É essencial entender a noção de subordinação para analisar as orações relativas. Na sintaxe do português, temos a frase simples, que possui um único grupo verbal (ou seja, uma única oração), e a frase complexa, que contém duas ou mais orações. A coordenação e a

¹ In: <https://iilp.wordpress.com/2016/11/18/aumenta-numero-de-falantes-de-lingua-portuguesa/> (acedido em 17-10-2017).

subordinação constituem os dois processos de construção de frases complexas, dos quais o último se examina no presente capítulo.

De acordo com Duarte (2000, p. 162), a estrutura de encaixe caracteriza a subordinação: “o que caracteriza as estruturas subordinadas é o facto de se tratar de estruturas de encaixe — i.e., a subordinada é um constituinte, essencial ou acessório, de toda a frase superior”.

Para Vilela (1999, p. 382), a subordinação exprime uma relação de dependência:

Nos casos da combinação subordinativa (hipotaxe) existem, entre frases parciais de uma frase composta, relações sintáticas de dependência. Todas as frases dependentes são chamadas frases subordinadas e a frase dominante, superior às subordinadas, é a subordinante.

Raposo, Nascimento, Mota, Segura & Mendes (2013, p. 315) descrevem essa estrutura de encaixe de uma forma mais detalhada:

Numa oração (ou frase) complexa, uma das orações está contida, ou encaixada, na outra, e a sua articulação forma uma estrutura de subordinação, [...]. Nestas estruturas, a oração contida na outra chama-se oração subordinada e a oração que a contém chama-se oração subordinante. Quando a oração subordinante é a própria frase – a oração mais abrangente de toda a construção – chama-se oração principal.

Há diversos critérios de divisão da subordinação. Cunha & Cintra (2000, p. 596) classificam as orações subordinadas em substantivas (1a), adjetivas (1b) e adverbiais (1c), de acordo com as posições ocupadas destinadas respetivamente às expressões nominais, adjetivais e adverbiais.

- (1) a. Quem sabe falar inglês tem mais oportunidades no mercado de trabalho.
Ele perguntou-me se eu queria tomar um café.
- b. O carro que comprei no ano passado está avariado.
- c. Cheguei atrasado de manhã, porque não consegui apanhar o autocarro.

Raposo et al. (2013, p. 315) propõem um modo de divisão mais ligado ao nosso presente trabalho, conforme as funções sintáticas exercidas na oração principal:

Quando uma oração subordinada desempenha a função de complemento ou de sujeito da oração subordinante, chama-se oração completiva ou integrante; quando desempenha a função de adjunto adverbial da oração subordinante, chama-se oração adverbial; quando desempenha a função de modificador de um nome, ocorrendo no sintagma nominal que tem esse nome como núcleo, chama-se oração relativa.

Neste caso, as orações subordinadas são designadas por completivas/integrantes (2a), adverbiais (2b) e relativas (2c).

- (2) a. O governo afirmou que haveria mais colaborações com as empresas locais.
- b. Embora esteja doente, vou para a escola.
- c. Ela apaixonou-se pelo homem que encontrou na festa.

1.3 Apresentação geral da subordinação relativa

1.3.1 estrutura e propriedades gerais da subordinação relativa

Como se abordou na secção anterior, as orações relativas fazem parte da grande família das orações subordinadas, distinguindo-se das orações completivas e das orações adverbiais. Uma das funções mais típicas das orações relativas reside na modificação de um nome ou um grupo nominal dentro de um sintagma nominal complexo da oração principal, como se descreve em Raposo et al. (2013, p. 2061):

As orações relativas têm a mesma função semântica dos adjetivos qualificativos, sendo por essa razão chamadas, na tradição gramatical, orações adjetivas. Essa função consiste em atribuir uma propriedade adicional ao conjunto denotado pelo nome ou grupo nominal modificado e, desse modo restringir esse conjunto.

Nos seguintes exemplos, sublinha-se o nome ou o grupo nominal modificado, põe-se o sintagma nominal (SN) entre parênteses retos e a oração relativa em itálico:

- (3) a. [Os alunos *que gostam de música*] vão ao concerto no sábado.
b. [A rapariga do primeiro ano *à qual o professor deu o livro*] estuda chinês.

Em (3a), a oração relativa é um modificador do nome, restringindo o conjunto dos alunos àqueles que gostam de música, e em (3b) é um modificador do grupo nominal, especificando a rapariga do primeiro ano como aquela à qual o professor deu o livro. Convém salientar também que, “contrariamente às orações completivas, [...] as orações relativas podem modificar qualquer substantivo, visto que praticamente todos eles aceitam modificação adjetival” (Raposo et al., 2013, p.2062).

O componente introdutório da oração relativa, a palavra relativa, é um elemento crucial na classificação das orações relativas, e pode ser um pronome como “*que*”, “*quem*”, uma locução como “o qual”, ou um advérbio como “*onde*”, “*como*”, etc., desempenhando funções sintáticas variadas. “Para além de assegurar formalmente a relação de subordinação, a função do pronome relativo consiste em retomar dentro da oração relativa o grupo nominal modificado” (Raposo et al., 2013, p.2063). Este grupo nominal, modificado pela oração relativa, é denominado de antecedente do pronome relativo. No exemplo (3a), com o antecedente “alunos”, o pronome relativo “*que*” funciona como o sujeito da oração relativa. Em (3b), com o antecedente “rapariga do primeiro ano”, a locução relativa “*a qual*” tem a função de complemento indireto na oração relativa.

As frases subordinadas relativas, como (3), segundo Raposo et al. (2013, p. 2061):

Podem ser representadas através de uma relação particular entre duas estruturas

frásicas independentes, que correspondem à oração principal e à oração relativa, e nas quais aparece repetido o grupo nominal modificado (ou seja, o antecedente). [...] O constituinte que contém no grupo nominal repetido tem diferentes funções gramaticais nas estruturas frásicas que correspondem à oração principal e à oração relativa. [...] O antecedente pode desempenhar qualquer função gramatical na oração principal e o pronome relativo (ou o constituinte que o contém) pode também desempenhar qualquer função gramatical na oração relativa.

Tal como o exemplo, a frase de (3b), compõe-se, no fundo, de duas estruturas frásicas:

- (4) a. A rapariga do primeiro ano estuda chinês.
b. O professor deu o livro à rapariga do primeiro ano.

A frase de (4a) é a oração principal e a de (4b) é a oração subordinada relativa. o grupo nominal repetido (ou o antecedente) neste caso, “rapariga do primeiro ano”, funciona como o sujeito na oração principal e o complemento indireto na oração relativa.

Com esse processo de relativização, a estrutura relativa geral inclui o especificador do antecedente (determinante ou quantificador), o antecedente (o grupo nominal), e a oração relativa que o modifica, tal como se ilustra a seguir (coloca-se o especificador do antecedente em **negrito** e a oração relativa em *itálico*, sublinha-se o antecedente, e põe-se entre parênteses retos o sintagma nominal da construção relativa):

[**Os alunos** *que gostam de música*] vão ao concerto no sábado.

[**A rapariga do primeiro ano** *à qual o professor deu o livro*] estuda chinês.

Os exemplos representam as orações relativas com antecedente explícito, mas também há orações relativas com antecedente implícito, as quais serão apresentadas pormenorizadamente na parte seguinte.

De seguida, discutem-se alguns tipos das orações relativas com propriedades diferentes e mais específicas.

1.3.2 orações relativas com antecedente explícito e implícito

Recorde-se que a estrutura da construção relativa contém, em geral, o especificador do antecedente, o antecedente e a oração relativa que o modifica/restringe. Esta estrutura manifesta-se de forma mais evidente nas orações relativas com antecedente explícito, nas quais o antecedente se encontra “visível”, como se exemplifica em (5a), em que o antecedente é “pessoa”. Convém reparar que, em (5b), falta o antecedente na construção relativa, mas como o pronome relativo “quem” possui o traço semântico humano, de acordo com Raposo et al. (2013, p. 2067), “permite identificar um antecedente com esse traço na

frase complexa. [...], defende-se que existe neste exemplo (e outros similares) um sintagma nominal implícito equivalente a *alguém*, i.e., contendo o traço [+humano], mas não foneticamente representado.”

- (5) a. Castiguei a pessoa que chegou atrasada.
b. Castiguei quem chegou atrasado.

As orações relativas como (5a) são designados por orações relativas com antecedente explícito, e as como (5b) denomina-se orações relativas com antecedente implícito/sem antecedente (expresso), ou orações relativas livres. Aqui se apresentam em (6) mais exemplos do último caso:

- (6) a. Quem gosta da música vai ao concerto.
b. Dei o livro a quem encontrei ontem.
c. Ele mora onde há menos barulho.
d. A Ana é quem passou no exame.

Bechara (2002, p.468) refere esse fenómeno como a substantivação de orações originariamente adjetivas:

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente, pela situação do discurso, quando este é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar generalização.

Deste modo, alguns gramáticos também as designam de orações relativas substantivas.

Raposo et al. (2013, p. 2119) descrevem os casos em que se tende a usar as orações

relativas livres:

Em determinadas circunstâncias discursivas, as orações relativas de antecedente implícito são mais naturais e económicas do que as orações correspondentes com um antecedente explícito. Tipicamente, isto acontece quando o falante considera que a informação específica sobre o antecedente é irrelevante; quando não tem informação adicional sobre o antecedente para além daquela que é codificada nos traços semânticos; quando essa informação é evidente no contexto discursivo ou situacional; ou ainda quando o falante tem a intenção de criar um sentido de quantificação universal.

A comparação semântica entre as duas frases de (5) explica esse “sentido de quantificação universal”. Em (5a), o antecedente “pessoa” junto com o especificador “a” indicam uma determinada pessoa, com valor mais específico, p.e., “castiguei o João porque chegou atrasado”. Em contrapartida, em (5b), o sintagma nominal possui um sentido geral/universal, equivalente à frase “castiguei todos aqueles que chegaram atrasados”.

Ao falar do antecedente implícito, há outro género de oração relativa com antecedente “invisível”, como se mostra em (7), mas nota-se que não se omite o especificador do antecedente, o qual se encontra num artigo definido ou pronome demonstrativo.

- (7) a. Eu disse aos alunos que sabia os que não tinham vindo.
b. (Sapatos) só comprei estes que estão em promoção.

c. Gostei dessa camisola, mas aquela que compraste ontem é mais bonita.

No entanto, apesar da ausência de um antecedente “visível”, basta recuperá-lo consoante o seu determinante e o contexto. Por exemplo, nas frases de (7), os antecedentes são respetivamente, “alunos”, “sapatos” e “camisola”. Raposo et al. (2013, p. 2121) consideram estas orações relativas como um caso de “eclipse do nome que funciona como antecedente da oração relativa”:

Estas considerações devem, pois, ser assimiladas às construções em que a oração relativa tem um antecedente explícito, com um valor semântico específico, omitido (apenas) na parte fonética da organização gramatical. Ou seja, não se trata de verdadeiras orações relativas de antecedente implícito.

Mateus (2006, p. 682) também trata desta hipótese de eclipse nominal: “Há argumentos formais a favor desta hipótese: a existência de flexão de número e género, a aproximação com outras línguas românicas [...] e sobretudo a possibilidade de cindir a sequência com uma preposição.”

Quando ocorre uma construção relativa preposicionada na oração relativa com antecedente implícito, cumpre-se as regras da conformidade categorial. Raposo et al. (2013, p. 2123) resumem-nas em dois aspetos:

(i) se o constituinte relativo é introduzido por uma preposição, a construção relativa tem de ser introduzida por uma preposição idêntica; e (ii) só uma das preposições pode ocorrer explicitamente na frase. [...], são geralmente mais aceitáveis as frases em que as duas preposições têm o mesmo valor semântico do que aquelas em que esse valor é diferente.

Mateus (2006, p. 677) acrescenta, “se houver incompatibilidade entre as propriedades de seleção do verbo superior e as do verbo da oração encaixada, o resultado é uma oração normalmente considerada agramatical.”

- (8) a. Estou a brincar com quem falaste ontem.
b. Dei um livro a quem enviaste a carta.
c. *Disse a com quem estavas a brincar.
d. *Dei um livro a a quem enviaste a carta.

Por exemplo, em (8a) e (8b), as preposições (sublinhadas) da oração relativa e do constituinte relativo são iguais, e apenas uma delas ocorre de forma explícita; se não, torna-se agramatical, como se ilustra em (8c) e (8d).

A conformidade categorial também constitui um critério importante para distinguir as orações relativas livres das interrogativas subordinadas (Mateus, 2006, p. 678).

1.3.3 orações relativas restritivas e explicativas/apositivas

Após a análise do antecedente, centra-se, neste momento, a atenção na relação entre a oração relativa e o seu antecedente, segundo a qual se introduz outra forma para classificar a subordinação relativa: orações relativas restritivas e orações relativas explicativas/apositivas. Cunha & Cintra (2000, p. 600) assim descrevem as suas propriedades:

As restritivas, como o nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase; e, como se ligam ao antecedente sem pausa, dele não se separam, na escrita, por vírgula.

As explicativas acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória, isto é, esclarecem melhor a sua significação, à semelhança de um aposto. Mas, por isso mesmo, não são indispensáveis ao sentido essencial da frase. Na fala, separam-se do antecedente por uma pausa, indicada na escrita por vírgula.

- (9) a. Os gatos da minha prima que estão a dormir gostam de leite.
b. Os gatos da minha prima, que estão a dormir, gostam de leite.

Como se ilustra em (9a), a oração relativa restringe o antecedente “gatos da minha prima” àqueles gatos que estão a dormir, ou seja, podem existir outros gatos que não estão a dormir, e só aqueles que estão a dormir gostam de leite. A oração relativa funciona como o modificador restritivo do antecedente, identificando o referente do sintagma nominal. Em contrapartida, em (9b), a oração relativa apenas introduz um comentário, uma informação adicional em relação “aos gatos da minha prima”, a qual se pode suprimir sem modificar o sentido fundamental da frase, equivalente a “todos os gatos da minha prima gostam de leite e eles estão a dormir”. A oração relativa neste caso tem a função semelhante ao aposto, não contribuindo para a identificação do referente.

Deste modo, ficam óbvias as diferenças semânticas entre as orações relativas restritivas e apositivas.

Outra distinção importante reside na natureza do antecedente. Por exemplo em (9a), o antecedente é apenas “gatos da minha prima”, excluindo o especificador, ou seja, faz parte do grupo nominal que precede a oração relativa; ao passo que em (9b), o antecedente é “os gatos da minha prima”, incluindo o especificador, ou seja, “é um sintagma nominal autónomo e completo, plenamente referencial, que precede a oração relativa” (Raposo et al., 2013, p. 2068).

De acordo com Mateus (2006, p. 668), “uma oração relativa restritiva não pode modificar constantes, i.e., argumentos com unicidade referencial: nomes próprios, pronomes pessoais”. Como se mostra nos seguintes exemplos, as frases de (11) são consideradas agramaticais.

- (10) a. Portugal, que fica no oeste da Europa, tem uma história muito longa.
b. Ela, que é chinesa, gosta de cantar.
- (11) a. *Portugal que fica no oeste da Europa tem uma história muito longa.
b. *Ela que é chinesa gosta de cantar.

Além disso, as orações relativas restritivas podem ter um valor assertivo ou um valor modal. Isto é, quando o verbo nuclear da oração relativa está no modo indicativo e o antecedente tem um sentido específico, a oração relativa conta com um valor assertivo, como se ilustra em (12a); por outro lado, quando o verbo está no conjuntivo, a oração relativa tem um valor modal, ou seja, possui um caráter universal, como se ilustra em (12b). No entanto, “uma apositiva nunca admite conjuntivo nem há orações infinitivas com elas relacionadas” (Mateus, 2006, p.669).

- (12) a. Quero falar com esta menina que sabe falar português.
b. Procuo uma pessoa que fale português.

Raposo et al. (2013, p. 2069) ressaltam que “as orações relativas com antecedente implícito são sempre restritivas, uma vez que constituem o único material que constrói a referência do sintagma nominal em que estão integradas”, e as orações relativas de frase, as quais se abordam na secção seguinte, “são sempre apositivas”.

1.3.4 orações relativas de nome e de frase

Até agora, apresentam-se as orações relativas que modificam um nome ou um grupo nominal, mas também podem modificar uma frase, ou seja, o antecedente pode ser nominal ou frásico, como se ilustra em (13) o último caso.

- (13) a. O professor deu-me boas notas, o que me incentivou.
b. Aconteceu um ataque ontem, o que causou um grande pânico.

Em (13a), o antecedente que precede o pronome relativo “o que” é a frase “o professor deu-me boas notas”. A frase de (13a), se dissermos de outra maneira, é equivalente a “o facto de que o professor me deu boas notas incentivou-me”.

Mateus (2006, p.674) chama este tipo de orações de orações relativas apositivas de frase, as quais “constituem um comentário acerca da proposição anterior”. Raposo et al. (2013, p.2069) explicam a razão pela qual são sempre apositivas:

A razão pela qual não podem ser restritivas deve-se, plausivelmente, ao facto de as frases não referirem entidades do universo discursivo, logo, não poderem ser modificadas por orações cuja função, em última instância, consiste precisamente em restringir o espaço denotativo a partir do qual se identifica um referente.

1.4 Análise das palavras relativas

O uso das palavras relativas constitui sempre umas das principais dificuldades na produção e compreensão das orações relativas. Nesta secção serão abordadas algumas considerações teóricas mais detalhadas acerca das palavras relativas, baseando-se em diversas gramáticas da Língua Portuguesa. A maioria dos exemplos apresentados nesta parte são originais e para aqueles citados nas gramáticas, revela-se a sua origem.

1.4.1 o conceito de constituinte relativo

Antes de discutir as palavras relativas, é necessário apresentar a distinção entre a palavra relativa e o constituinte relativo. As orações relativas são introduzidas por um constituinte relativo que contém uma palavra relativa, a qual desempenha uma função gramatical dentro da oração relativa. À medida dessa função e da função da palavra relativa, o constituinte relativo pode ser simples, consistindo apenas na palavra relativa, ou complexo, contendo mais elementos (Raposo et al., 2013, p. 2070).

Quando o constituinte relativo coincide com a palavra relativa, a última funciona como o sujeito ou o complemento direto da oração relativa, como se ilustra respetivamente em (14a) e (14b). Nesse caso, o constituinte relativo e a palavra relativa encontram-se totalmente iguais, desempenhando a mesma função sintática na oração relativa. (Nos exemplos subsequentes, sublinha-se a palavra relativa e coloca-se em itálico o constituinte relativo)

- (14) a. O rapaz que comeu o gelado é o meu aluno. (sujeito de “comeu o gelado”)
b. O rapaz que encontraste é o meu aluno. (complemento direto de “encontraste”)

Em contrapartida, quando a palavra relativa tem outras funções sintáticas, o constituinte relativo envolve mais material além da palavra relativa. De acordo com Raposo et al. (2013, p.2071):

Num dos casos mais típicos, o pronome relativo está integrado num sintagma preposicional com a função de complemento indireto (cf. (15a)), de complemento oblíquo (cf. (15b)) ou de adjunto adverbial (cf. (15c)). Nesse caso, a preposição tem de ocorrer obrigatoriamente dentro do constituinte relativo, i.e., tem de preceder o pronome no início da oração relativa.

- (15) a. O rapaz *a quem* deste o livro é o meu aluno.
 b. O rapaz *com quem* falaste é o meu aluno.
 c. O restaurante *em que* jantaram fica perto de casa.

Raposo et al. (2013, p. 2071) também descrevem outros casos mais complicados em que o constituinte relativo pode ser:

(i) um sintagma nominal complexo com a função de sujeito (cf. (16a)) ou de complemento direto (cf. (16b)); (ii) um sintagma nominal preposicionado, com função de complemento oblíquo (cf. (16c)), de adjunto adverbial (cf. (16d)), ou de complemento de nome (cf. (16e)); (iii) um constituinte de natureza oracional (cf. (16f)), neste caso com uma função adverbial dentro da oração relativa.

- (16) a. O gato o dono do qual saiu de casa fugiu.
 b. O gato *cujos olhos* eu admiro fugiu.
 c. Aquela é a senhora *com cujos filhos* brincamos.
 d. Vou falar com a menina *em casa de quem* dormi.
 e. O aluno *de cuja tese eu revi o texto* foi aprovado nas provas.
 f. Aqui está o bolo *para fazer o qual* coloquei muito açúcar.

Nos exemplos de (15) e (16), é notável que o constituinte relativo e a palavra relativa tenham funções sintáticas diferentes na oração relativa. Por exemplo, em (15a), o complemento indireto da oração relativa é o constituinte relativo “a quem”, em vez de só o pronome relativo “quem”; em (16a), o constituinte relativo funciona como o sujeito da oração relativa, ao passo que o pronome relativo “o qual” desempenha a função de modificador de nome dentro do constituinte relativo.

1.4.2 apresentação geral das palavras relativas

A palavra relativa considera-se um componente imprescindível na estrutura da subordinação relativa. A maioria das gramáticas do português classifica as palavras relativas segundo características morfológicas, como se ilustra na tabela seguinte:

Palavras relativas invariáveis	que, o que, quem, onde, como
Palavras relativas variáveis	o qual/os quais/a qual/as quais, cujo/cujos/cuja/cujas, quanto/quantos/quanta/quantas

Tabela 1 – classificação morfológica das palavras relativas em Português

Há outros que as classificam de acordo com características morfossintáticas. Serôdio, Pereira, Carneira & Falé (2011, p. 128), por exemplo, dividem-nas em pronomes relativos,

advérbios relativos, quantificadores relativos e determinantes relativos:

Os pronomes relativos introduzem uma oração relativa subordinada adjetiva relativa, no interior da qual desempenham uma função sintática (sujeito, complemento direto, etc.).

As palavras relativas *onde* ou *como* são classificadas como advérbios relativos.

Por seu lado, *quanto/quanta* são incluídas na classe dos quantificadores relativos.

Já as formas *cujo/cuja* fazem parte da classe dos determinantes relativos.

No entanto, Raposo et al. (2013, p. 2078) apontam que as formas de “onde” e “como” pertencem ao grande grupo de pronomes relativos:

Independentemente de funcionarem como sintagmas nominais, advérbios ou especificadores, fazemos aqui a opção terminológica de utilizar o termo genérico “pronome” para todas estas formas, na medida em que todas elas ou retomam um antecedente de natureza nominal (à exceção de *o que*, o qual também pode retomar uma frase) ou funcionam como sintagmas nominais dentro da oração relativa.

Para além de ter um valor conetivo como as conjunções, as palavras relativas podem desempenhar diversas funções sintáticas dentro da oração relativa, ao representar e recuperar o antecedente no processo de relativização. As frases de (17) apresentam respetivamente as funções sintáticas das palavras relativas como sujeito (cf. (17a)), complemento direto (cf. (17b)), complemento indireto (cf. (17c)), complemento nominal (cf. (17d)), adjunto adnominal (cf. (17e)), adjunto adverbial (cf. (17f)), predicativo (cf. (17g)), e agente da passiva (cf. (17h)).

- (17) a. A rapariga que fez o bolo é a minha irmã.
b. Falei com o rapaz que encontrei.
c. Os alunos a quem deu os livros estudam chinês.
d. A cobra é o animal de que tenho medo.
e. A mulher cujo gato é preto passa por aqui todos os dias.
f. Vamos jantar ao restaurante onde há bacalhau com broa.
g. O rapaz honesto que ele era antes anda a enganar as pessoas agora.
h. O professor pelo qual foi dada a aula é muito simpático.

A seguir serão examinados pormenorizadamente, na próxima sessão, as propriedades e o emprego dessas palavras relativas.

1.4.3 propriedades e emprego das palavras relativas

1.4.3.1 que

O pronome relativo “que” introduz as orações relativas de nome, designado pelo pronome relativo básico/universal, podendo ter como antecedente pessoas ou coisas. Nas orações relativas com antecedente explícito, quer restritivas quer apositivas, pode

desempenhar qualquer função sintática, sendo preposicionado quando é preciso (Vilela, 1999, p.221), como se ilustra em (18) e (19).

- (18) a. A rapariga *que* fez o trabalho é a minha aluna.
b. O bolo *que* fiz ontem está estragado.
c. A cidade em *que* vivi mais é Lisboa.
d. O aluno a *que* enviei a carta não me respondeu.
f. Este é o tema de *que* falamos hoje.
- (19) a. O João, *que* está doente, não pode ir ao cinema comigo.
b. Esta camisa, *que* comprei ontem, não tem boa qualidade.
c. Aquele dia, em *que* fiz anos, será inesquecível.
d. Aquelas raparigas, com *que* fui ao cinema, são muito simpáticas.

No entanto, por ser semanticamente subespecificado o pronome “que”, muitos falantes preferem usar os pronomes relativos com traços semânticos mais ricos como “quem”, “onde”, “como” etc., para representar o antecedente de forma mais concreta. Compare-se (18d) com (20a), e (19d) com (20b) por exemplo. São consideradas preferíveis:

- (20) a. O aluno a *quem* enviei a carta não me respondeu.
b. Aquelas raparigas, com *quem* fui ao cinema, são muito simpáticas.

Mas nota-se que “isso não acontece com *quando*, que é sentido como marginal, ou mesmo agramatical, em orações relativas de nome com antecedente explícito, preferindo-se a forma *que*, preposicionada” (Raposo et al., 2013, p.2092), como se ilustra em (21).

- (21) a. O ano em que fui à China foi inesquecível.
b. *O ano quando fui à China foi inesquecível².

Apesar de ser mais livre do que outras palavras relativas, o pronome relativo “que”, na maioria dos casos, não se pode usar nas orações relativas com antecedente implícito ou nas orações relativas de frase, visto que no primeiro caso é obrigatória uma palavra relativa com traço semântico específico para recuperar o antecedente, e no segundo usa-se “o que” para retomar a frase. Além disso, quando “que” é precedido de preposição, de acordo com Raposo et al. (2013, p. 2083):

Com antecedente [-humano], *que* ocorre preferencialmente com preposições monossilábicas, [...], enquanto com as restantes preposições, como *durante*, *perante* e *sobre*, ou com as locuções prepositivas (*acerca de*, *através de*, *em face de*, etc.), é preferível ou mesmo obrigatório o uso de *o qual* em vez de *que*.

Por exemplo, as frases como (22b) (22d) e (22f) são consideradas marginais ou agramaticais.

- (22) a. Ontem vi um filme sobre o qual há muitos comentários na internet.
b. *Ontem vi um filme sobre que há muitos comentários na internet.
c. Temos um intervalo durante o qual podemos tomar um café.
d. * Temos um intervalo durante que podemos tomar um café.
e. Este é o tema acerca do qual discutimos na aula.

² Os exemplos assinalados com * contêm erros gramaticais.

f. ??Este é o tema acerca de que discutimos na aula³.

1.4.3.2 o que

Alguns gramáticos tratam a locução relativa “o que” como uma variante de “que”, outros a referem como uma locução relativa independente e autónoma. Em geral, a locução “o que” é mais utilizada em três situações: (i) nas orações relativas de frase; (ii) nas orações relativas de nome com antecedente implícito; (iii) nas orações relativas com antecedente quantificacional. (Raposo, 2013, p. 2085-2089)

Como se menciona na secção das orações relativas de frase, “o que” introduz a oração relativa apositiva cujo antecedente é uma frase. Este é um dos casos com que os alunos chineses do PLE/PL2 erram mais, uma vez que muitos deles confundem “o que” com “que” nas orações relativas de frase (cf. (23)).

- (23) a. Ele passou no exame, o que me surpreendeu.
b. *Ele passou no exame, que me surpreendeu.

Nas orações relativas com antecedente implícito, “o que” é subespecificado e pode ser precedido de preposição, como se ilustra em (24).

- (24) a. O que estás a fazer irrita-me.
b. Ele elogiou o que comemos hoje.
c. A professora falou do que devemos escrever.

No último caso, Raposo et al. (2013, p.2089) abordam o emprego da locução relativa “o que” nas orações relativas com antecedente quantificacional:

A locução *o que* ocorre em orações relativas com antecedente quantificacional, que pode ser um pronome indefinido, como *tudo* ou *nada (de)*, ou um operador comparativo, como *mais/menos de*, *melhor/pior de*, multiplicativo, como *o dobro de*, ou fracionário, como *metade de*.

- (25) a. Tudo o que dizes é um disparate.
b. Não se aproveita nada do que ele fez.
c. O João é mais alto do que a Maria.
d. Esta turma tem menos alunos do que aquela.
e. O bife está muito pior do que o bacalhau.
f. O António come o dobro/metade do que eu como.

(Exemplos de Raposo et al., 2013, p. 2089)

1.4.3.3 o qual

³ Os exemplos assinalados com ?? são gramaticalmente duvidosos.

“O qual” é outro pronome relativo sem traço semântico específico, quer dizer, pode modificar um antecedente que se refere às pessoas ou coisas. Sendo uma locução relativa morfologicamente variante, “o qual” concorda sempre com o núcleo nominal do seu antecedente, em número e género. Devido a esta propriedade, muitos falantes optam por usar “o qual” em vez das palavras relativas invariáveis como “que”, “quem”, “onde” etc., nos casos em que há mais de um antecedente possível com género e/ou número diferentes, para tornar a frase informativamente mais precisa e desfazer as ambiguidades, sobretudo na escrita formal (Raposo et al., 2013, p.2092).

- (26) a. O aluno da professora com quem/que falei ontem estuda chinês.
b. O aluno da professora com o qual falei ontem estuda chinês.
c. O aluno da professora com a qual falei ontem estuda chinês.

Por exemplo, em (26a), “aluno” e “professora” possuem o mesmo traço semântico (humano), em princípio não há nenhum problema gramatical usar o pronome relativo “quem” ou “que”. Porém, isso conduz a uma ambiguidade do antecedente, ou seja, o antecedente pode ser “aluno” ou “professora”. O mesmo não acontece com a locução relativa “o qual”, visto que é fácil designar o antecedente pela sua conformidade com este em género. Em (26b), o antecedente é obviamente “aluno”, pois “o qual” manifesta o seu género masculino. E em (26c), o antecedente é “professora”, dado que “a qual” traduz o género feminino.

“O qual” ocorre somente nas orações relativas de nome com antecedente explícito, tendo em conta a impossibilidade da reconstrução do antecedente nas orações relativas livres. Existem certas restrições quando “o qual” funciona como sujeito ou complemento direto nas orações relativas, de acordo com Raposo et al. (2013, p. 2091):

Em relações relativas de nome com antecedente explícito, esta locução relativa pode ocorrer com a função de sujeito ou de complemento direto nas relativas apositivas, mas não nas restritivas (cf. (27)). [...] Quando a locução *o qual* é preposicionada, ocorre livremente nos dois tipos de orações relativas (cf. (28)).

- (27) a. O meu pai, o qual é professor, levanta-se cedo todos os dias.
b. *O meu pai o qual é professor levanta-se cedo todos os dias.
c. A Maria, a qual encontrei ontem, não vai jantar comigo.
d. *A Maria a qual encontrei ontem, não vai jantar comigo.
- (28) a. O meu pai, ao qual telefonei, é um professor excelente.
b. O tio ao qual telefonei é um professor excelente.
c. A cidade de Lisboa, na qual vivi por um ano, é a capital de Portugal.
d. A cidade na qual vivi por um ano é a capital de Portugal.

Convém realçar que, quando o constituinte relativo é precedido da preposição “sem” e o antecedente tem o traço semântico humano, usa-se “o qual” em vez de “quem”, para evitar a dissonância de “sem” e “quem” (Raposo, 2013, p. 2093). Dados os resultados do inquérito, a

maioria alunos chineses não estão cientes desta regra.

Como se referiu na secção 1.4.3.1, é preferível ou mesmo obrigatório o uso de “o qual” quando o constituinte relativo é precedido de uma preposição com duas ou mais sílabas ou de uma locução prepositiva. Além disso, segundo Cunha & Cintra (2000, p.348), “o qual é também a forma usada como partitivo após certos indefinidos, numerais e superlativos”:

- (29) a. Aqueles alunos, alguns dos quais são franceses, gostam de jogar futebol.
b. Aqueles alunos, dois dos quais são franceses, gostam de jogar futebol.
c. Aqueles alunos, a mais nova dos quais tem 18 anos, gostam de jogar futebol.

Raposo et al. (2013, p. 2095) salientam outra situação em que se usa obrigatoriamente “o qual”: “quando a oração relativa contém uma estrutura complexa de subordinação adverbial e o pronome relativo desempenha uma função gramatical na oração subordinada adverbial”, como se mostra em (30).

- (30) a. Não me saíram bem os rissóis, para fritar os quais usei óleo de soja. [oração relativa adverbial infinitiva]
b. A empresa depara-se com vários problemas, resolvidos os quais reaparecerão os investidores. [oração relativa adverbial participial]

(Exemplos de Raposo et al, 2013, p. 2095)

1.4.3.4 quem

“Quem” é um pronome relativo com traço semântico humano, sendo usado nas orações relativas de nome. Graças ao seu traço semântico inerente, “quem” pode desempenhar qualquer função sintática nas orações relativas com antecedente implícito.

No entanto, nas orações relativas com antecedente explícito, o seu uso já não ocorre livremente. Nesse tipo de orações relativas, quer restritivas quer explicativas, “quem” encontra-se preposicionado, por outras palavras, não pode ter a função de sujeito ou complemento direto, como indica Bechara (2003, p. 358), “Quem – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição”.

- (31) a. *A Maria quem é a minha colega fala bem português.
b. *A Maria, quem é a minha colega, fala bem português.
c. *A Maria quem encontrei ontem fala bem português.
d. *A Maria, quem encontrei ontem, fala bem português.
- (32) a. A menina com quem fui ao cinema ontem é muito simpática.
b. A Maria, com quem fui ao cinema ontem, é muito simpática.
c. Já te apresento a menina a quem dei o presente.
d. Aquele é o professor por quem foi dada a aula.

Portanto, as frases de (31) são consideradas agramaticais. Os exemplos de (32) apresentaram

as diversas funções sintáticas que o pronome relativo “quem” preposicionado desempenha nas orações relativas com antecedente explícito.

1.4.3.5 cujo

O pronome relativo “cujo” tem a função sintática do valor possessivo, referindo o antecedente como o possuidor do substantivo seguinte, em concordância com este em número de género:

- (33) a. Este é um livro cujo autor é brasileiro.
b. Este é um livro. O seu autor é brasileiro.

“Cujo” também pode ser preposicionado:

- (34) a. Ela é a menina com cujos amigos fui ao cinema ontem.
b. O João, em cuja casa jantei na semana passada, é o meu namorado.

De acordo com Bechara (2003, p. 358), “cujo” é semanticamente parecido com “do qual”:

Cujos(s), cuja(s) – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição tem sentido de posse) e funcionam como adjunto adnominal do substantivo seguinte com o qual concordam em género e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal.

Mas essa semelhança não nos faz ignorar a diferença entre “cujo” e a locução “do qual”, como explica Raposo (2013, p. 2097):

Cujo não ocorre com um artigo, [...], a ausência do artigo com cujo deve-se ao facto de esta forma obrigar a uma interpretação definida do nome consequente. [...] *do qual* não obriga a que o nome seja definido, contrariamente a *cujo*.

Finalmente, “cujo” não ocorre nas orações relativas com antecedente implícito, pois não possui traços semânticos específicos, podendo modificar substantivos semanticamente variados.

1.4.3.6 quanto

O pronome relativo, variável em número e género, tem sempre um antecedente quantificacional, isto é, “a quantificação do sintagma nominal a que a oração relativa está ligada e não propriamente o grupo nominal, o qual representa o domínio da quantificação” (Raposo et al., 2013, p. 2099). Esse antecedente, como o quantificador do sintagma nominal,

é um pronome indefinido (*tudo, todos/todas, tanto(s)/tantas(s)*), o qual pode ser explícito ou implícito:

- (35) a. Comi (tudo) quanto havia em casa.
b. Comprei (todos) quantos queria.
c. Falei com (tantos alunos) quantos estavam na sala de aula.
d. Falei com quantos alunos estavam na sala de aula.

Em (35), coloca-se entre parênteses o antecedente que pode ser omitido. Nota-se que em (35c), o antecedente é somente “tantos”, ou seja, a quantificação do nome “alunos”.

Quando “quanto” é precedido do pronome indefinido “tudo”, encontra-se invariável e tem um valor semelhante a “o que”:

- (36) a. Comi tudo quanto havia.
b. Comi tudo o que havia.

De acordo com Raposo et al. (2013, p. 2100), por ter um sentido inerente de quantidade, “quanto” não se usa nas orações relativas de frase, visto que uma frase não representa quantidade; e nem pode ocorrer nas orações relativas positivas, uma vez que “a função destas consiste em apresentar informação adicional sobre um antecedente que representa necessariamente uma entidade ou uma situação, não uma quantidade”.

1.4.3.7 onde

O advérbio relativo “onde”, evidentemente com traços semânticos locativos, exige que o seu antecedente denote um lugar.

Nas orações relativas com antecedente explícito, “onde” tem a função de complemento oblíquo ou adjunto adverbial (de lugar), semanticamente equivalente a “em que” e “no/na qual”:

- (37) a. Encontrei a mesa onde tinhas colocado os livros.
b. Vamos ao supermercado onde se vendem as frutas mais frescas.
c. Encontrei a mesa em que/na qual tinhas colocado os livros.
d. Vamos ao supermercado em que/no qual se vendem as frutas mais frescas.

Esta propriedade adverbial determina que “onde” nunca possa funcionar como sujeito ou complemento direto nas orações relativas, mesmo que o antecedente se refira a um lugar. Muitos alunos chineses erram nessa questão provavelmente por serem enganados pelo seu valor locativo (cf. (38)).

- (38) a. *Os turistas gostam sempre dos lugares onde é agradável. (vs. dos lugares que são agradáveis)

- b. *O Lorca viveu numa casa onde eu visitei. (vs. *numa casa que eu visitei*)
 c. *O tanque onde eu enchi com/de gasolina explodiu. (vs. *que eu enchi com/de gasolina*)
 (Exemplos de Raposo et al., 2013, p. 2101)

“Onde” pode também ser preposicionado, neste caso, segundo Raposo et al. (2013, p. 2102), “tem um valor locativo dinâmico (direcional) na oração relativa, nomeadamente de origem (‘lugar de onde’), de destino (‘lugar para onde’/ ‘aonde’) ou de passagem (‘lugar por onde’)”:

- (39) a. O país de onde os produtos vêm é a China
 b. O país aonde/para onde foste fica na Europa.
 c. Gostei das cidades por onde passamos durante a viagem.

Raposo et al. (2013, p. 2104) ainda acrescentam, “a aceitabilidade de *onde* em orações relativas com antecedente implícito, ilustradas em (40), varia muito de falante para falante.”

- (40) a. Onde eu vivo não tem muitos supermercados.
 b. Não gostei de onde compramos as frutas.

1.4.3.8 como

“Como” é um advérbio relativo com traço semântico de modo, equivalente a “de que modo”, desempenhando a função de complemento oblíquo ou adjunto adverbial nas orações relativas:

- (41) a. Irritou-me a maneira como ele falou comigo.
 b. Não gostei do modo como ele tratou as crianças.

Parecido com o caso de “onde”, “como” também não pode ter a função de sujeito ou complemento direto devido à sua natureza adverbial, como se ilustra em (42).

- (42) a. *Ele fala de um modo como irrita todos os colegas. (vs. que irrita todos os colegas)
 b. *Ele fala de uma forma como todos os colegas detestam. (vs. que todos os colegas detestam)

O advérbio relativo “como” tem apenas antecedente nominal com valor extremamente geral, como *maneira*, *modo* ou *forma*, como indica Raposo et al. (2013, p. 2105):

Quando o antecedente é um nome de sentido mais específico, como *cuidado* ou *atitude*, o constituinte relativo com valor de modo tem a forma *com que*, não podendo ocorrer *como* (cf. (43)). [...] Inversamente, quando o antecedente é um dos nomes de sentido geral, *com que* não pode ocorrer (cf. (44)).

- (43) a. Surpreendeu-me o cuidado com que falou comigo.
 b. *Surpreendeu-me o cuidado como falou comigo.
 c. Surpreendeu-me a atitude com que falou comigo.
 d. *Surpreendeu-me a atitude como falou comigo.

- (44) a. Irritou-me a maneira com que ele falou comigo.
b. Não gostei do modo com que ele tratou as crianças.

Igual a “onde”, a aceitabilidade de “como” nas orações relativas com antecedente implícito varia de falante para falante.

1.5 Intervenientes possíveis na compreensão das frases relativas

As dificuldades na produção e compreensão das frases relativas prendem-se não somente com as palavras relativas, nomeadamente o seu emprego e funções sintáticas, que se abordaram na secção anterior, mas também com o processamento das orações relativas (Vasconcelos, 1996, p. 324). Nesta secção, focam-se em três principais aspetos que podem, de certa maneira, intervir no processamento das frases relativas: a recursividade, o tipo/local de encaixe e a alteração da ordem canónica das palavras na frase. Estes intervenientes são apresentados no inquérito para verificar se dificultam efetivamente a compreensão das orações relativas aos alunos chineses e portugueses.

1.5.1 recursividade

Os exemplos que se apresentaram no capítulo anterior foram sempre frases complexas compostas de duas orações. Porém, há outras frases mais complexas que contêm mais de duas orações, assim aumentando a sua complexidade e dificuldade para a compreensão. Vasconcelos (1996, p. 323) descreve essa situação:

A dificuldade na compreensão ou produção de determinadas estruturas de língua pode não resultar de uma gramática deficiente. Mesmo para um adulto, frases reconhecidamente gramaticais podem ser difíceis de compreender ou produzir. A razão pela qual um adulto tem dificuldade em compreender frases como (45), em que há múltiplas relativas encaixadas, não é de ordem gramatical.

- (45) O camião que chocou com o carro que transportava o ferido que a Joaquina tinha encontrado no quarto de hotel onde tinha dormido o João foi encontrado abandonado perto de Sesimbra.
(Exemplo de Vasconcelos, 1996, p. 324)

Alguns gramáticos designam esse caso de “recursividade”. Como aponta Perini (1996, p.124), “trata-se, como se vê, de uma estrutura (uma oração) dentro de outra estrutura da mesma classe (outra oração). Essa propriedade, comum a todas as línguas, de colocar estruturas dentro de outras estruturas da mesma classe, se chama recursividade.”

O caso da recursividade exige uma boa competência para analisar a estrutura complexa da oração principal, pois todas as orações subordinadas, as quais se vinculam umas às outras, têm os seus próprios constituintes, o que pode desordenar o processo da análise.

1.5.2 tipo de encaixe

Os resultados publicados por alguns investigadores indicam que a posição da oração relativa na oração principal interfere também na compreensão das frases relativas. De acordo com Villiers, Flusberg, Hakuta & Cohen (1979, p.500), mesmo para os adultos, as orações relativas encaixadas ao centro (cf. (46a)) são mais difíceis de compreensão do que as encaixadas à direita (cf. (46b)).

- (46) a. O homem *que beijou a menina* encontrou a mulher.
b. A mulher encontrou o homem *que beijou a menina*.

Costumamos ler e compreender as frases da esquerda para a direita, portanto, quando surge uma oração relativa inserida ao centro da oração principal, como o exemplo de (46a), acontece uma interrupção no processamento natural da compreensão da frase, assim resultando nas dificuldades causadas pelo facto de “haver um aumento de carga de memória de curto prazo necessária devido à interrupção da oração principal (Braga, 2012, p.15).” Em (46b), quando a oração relativa se encaixa à direita, já não há nenhuma interrupção no processo da leitura e compreensão, assim sendo de mais fácil entendimento.

1.5.3 alteração da ordem canónica

A ordem dos constituintes da oração relativa altera-se consoante a função sintática que a palavra relativa desempenha na oração relativa. Essa alteração da ordem afeta, muitas vezes, a nossa compreensão da frase complexa. Villiers et al. (1979, p. 503) tratam esse caso como o efeito de “focus” (foco). Segundo as investigações de Vasconcelos (1996, p. 326), as orações relativas com foco no complemento indireto (cf. (47a)) e no locativo/adjunto adverbial (cf. (47b)) apresentam mais dificuldades em comparação com as com foco no sujeito (cf. (48a)) e no objeto direto (cf. (48b)); e as orações relativas com foco no objeto direto revelam-se mais difíceis do que as com foco no sujeito.

- (47) a. O rapaz *a quem eu enviei a carta* estuda chinês.

- b. A mesa *onde o rapaz colocou o caderno* tem desenhos.
- (48) a. O homem *que beijou a menina* encontrou a mulher.
b. O homem *que a menina beijou* encontrou a mulher.

Esse efeito de “foco” ocorre visto que, na sintaxe, os constituintes da frase costumam seguir a ordem de “sujeito+verbo+objeto direto (+complemento indireto/locativo)”, enquanto nas orações relativas de (47) e (48b), segue-se, respetivamente, a ordem de “CI/locativo+SU+verbo+OD” e de “OD+SU+verbo”. Essa alteração da ordem canónica provoca perturbação no processamento da compreensão das orações relativas.

Capítulo II Análise do inquérito

Apresentam-se, no presente capítulo, os resultados dos inquéritos aos alunos chineses e portugueses acerca da sua aprendizagem das orações relativas. Os dois inquéritos foram por nós ministrados. Os dados serão mostrados pelos gráficos para os analisarmos de forma mais objetiva. Estes dados consideram-se o fundamento para ficarmos a saber os erros mais comuns e dificuldades dos alunos chineses e portugueses na subordinação relativa.

2.1 Apresentação geral do inquérito

O inquérito tem como objetivo encontrar e analisar os principais problemas e dificuldades dos alunos chineses e portugueses no que toca às orações relativas, bem como estabelecer uma comparação do desempenho entre os alunos chineses e portugueses, assim se inteirando da diferença entre os dois grupos nesse tópico gramatical.

A distribuição do inquérito aos alunos chineses foi realizada no Departamento de Línguas e Culturas Ocidentais da Universidade dos Estudos Internacionais de Xi'an da China, em junho de 2017, aos 24 alunos do terceiro ano da licenciatura em Língua e Cultura Portuguesas, os quais optaram por continuar a estudar português na China em vez de fazerem intercâmbio em Portugal. Depois de 3 anos de aprendizagem especializada na Língua Portuguesa, estes alunos já contam com um conhecimento praticamente integral da gramática do Português, correspondente, do ponto de vista teórico, ao nível de B2 ou C1. Note-se que nenhum deles tem experiência de estudo em Portugal.

O inquérito aos alunos portugueses foi distribuído a 24 alunos do primeiro ano do mestrado em Línguas e Relações Empresariais, em setembro de 2017, no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Além de serem nativos, todos estes alunos obviamente frequentam o ensino superior.

O inquérito compõe-se de duas partes. A primeira parte destina-se a obter informações básicas sobre os inquiridos e o seu conhecimento geral em relação às orações relativas; a idade, o sexo, a nacionalidade, a língua materna, há quantos anos estudam português, a parte que sentem mais difícil na aprendizagem das orações relativas (se é a escolha da palavra relativa ou a estrutura e compreensão da frase), e o nível da dificuldade que consideram respeitante à subordinação relativa.

A segunda parte é constituída por três exercícios a fim de avaliar o desempenho dos alunos e encontrar os seus erros na produção e compreensão das orações relativas. O primeiro exercício centra-se no emprego das palavras relativas. São elaboradas dez frases relativas, nas quais as palavras relativas se encontram sublinhadas, mas nem todas corretas. Os alunos têm de corrigi-las com a palavra relativa adequada no caso de as julgarem erradas. Deste modo, exige-se que os inquiridos dominem o uso de duas palavras relativas para completarem cada pergunta. O segundo exercício, composto por oito frases relativas, permite-nos classificar a dificuldade dos alunos quando as palavras relativas desempenham funções sintáticas diferentes nas orações relativas. Para cada frase relativa, são propostas duas formas de interpretação, apenas uma das quais está correta. Os inquiridos deviam escolher aquela que consideram correta e classificar, em forma de escala de Likert, cada frase de 1 a 5 para avaliar a dificuldade que sentiram na sua compreensão (1-muito fácil; 2-fácil; 2-mais ou menos; 4-difícil; 5-muito difícil). Nessas oito frases, as palavras relativas têm respetivamente as funções de complemento direto, sujeito, complemento indireto, adjunto adnominal, predicativo, complemento nominal, agente da passiva e adjunto adverbial. Este exercício objetiva examinar o efeito de “foco”, mencionado na secção 1.5.3, na compreensão das orações relativas. O último exercício foca-se na questão do encaixe da oração relativa na oração principal. São exibidos dois pares de frases relativas, cada um dos quais constituído por uma frase com a sua oração relativa encaixada à direita e a outra com a sua oração relativa encaixada ao centro. No primeiro par, a oração relativa funciona como o sujeito; no segundo par, a oração relativa desempenha a função de complemento direto. Os inquiridos vão escolher, em cada par, a frase que acham mais difícil de compreender. Desta maneira, podemos verificar a influência do tipo de encaixe (cf. Cap. 1.5.2) na compreensão das orações relativas, bem como se essa influência varia de acordo com a função sintática das orações relativas.

Todas as perguntas e respostas do inquérito foram feitas em português. Tivemos muito cuidado na expressão ao elaborarmos as perguntas, de modo a facilitar a compreensão do inquérito aos alunos chineses e reduzir ao máximo os lapsos causados por fatores irrelevantes ao nosso tópico. Certas palavras especiais da gramática são anotadas em chinês. Contudo, ainda é possível existirem falhas provocadas pela distração de alguns alunos ao concluírem o inquérito e outros fatores incontroláveis. Aliás, se houvesse mais espaço, ainda poderíamos avaliar, de forma mais abrangente, o emprego das palavras relativas visto que há

efetivamente imensas regras que poderiam ser estudadas.

Em seguida, serão apresentados, pormenorizadamente, os dados do inquérito e, à medida que essa apresentação decorre, vamos analisar também a influência da Língua Chinesa na aprendizagem das orações relativas por parte dos alunos chineses.

2.2 Análise da primeira parte do inquérito

Nesta parte, os resultados do inquérito são exibidos através dos gráficos, nos quais os alunos chineses se denominam de “grupo A” e os alunos portugueses pertencem ao “grupo B”.

2.2.1 perfil dos inquiridos

A presente secção informa-nos das informações básicas dos alunos inquiridos – a idade, o sexo, a nacionalidade e a língua materna – como se ilustra nos gráficos seguintes:

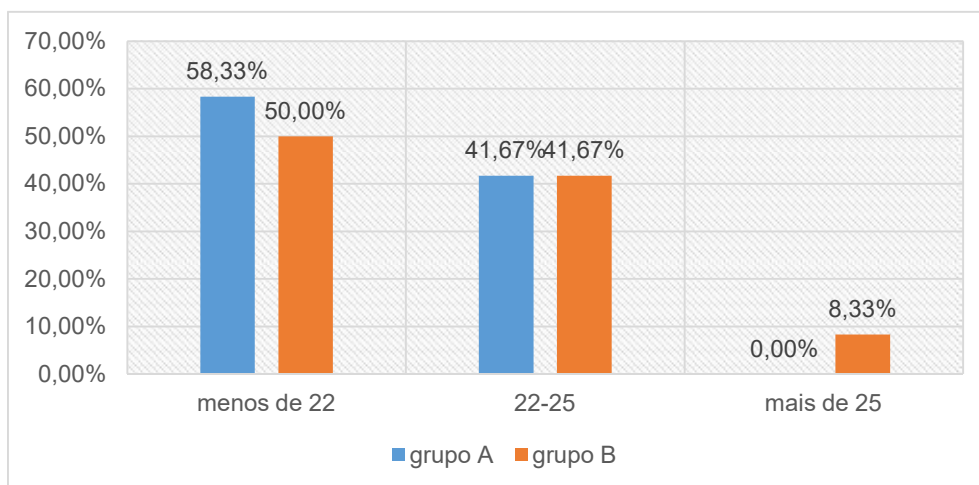


Gráfico 1 – Idade dos inquiridos

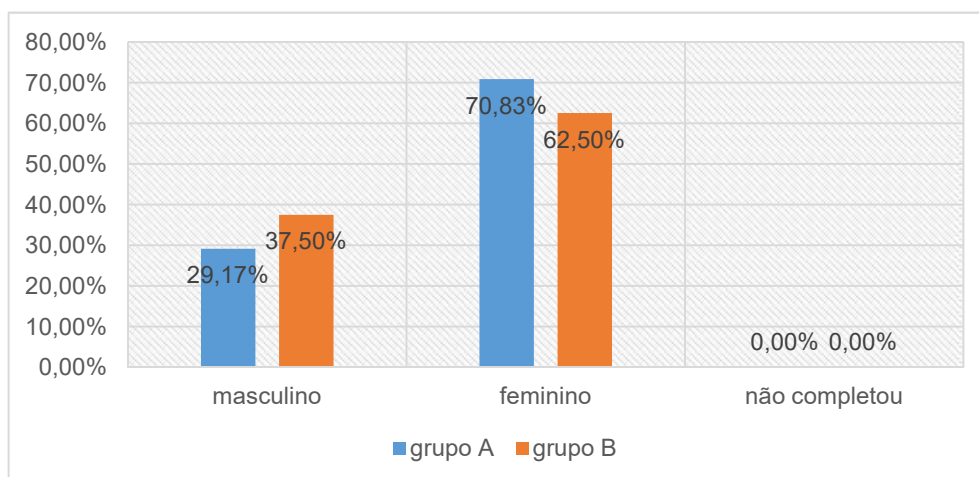
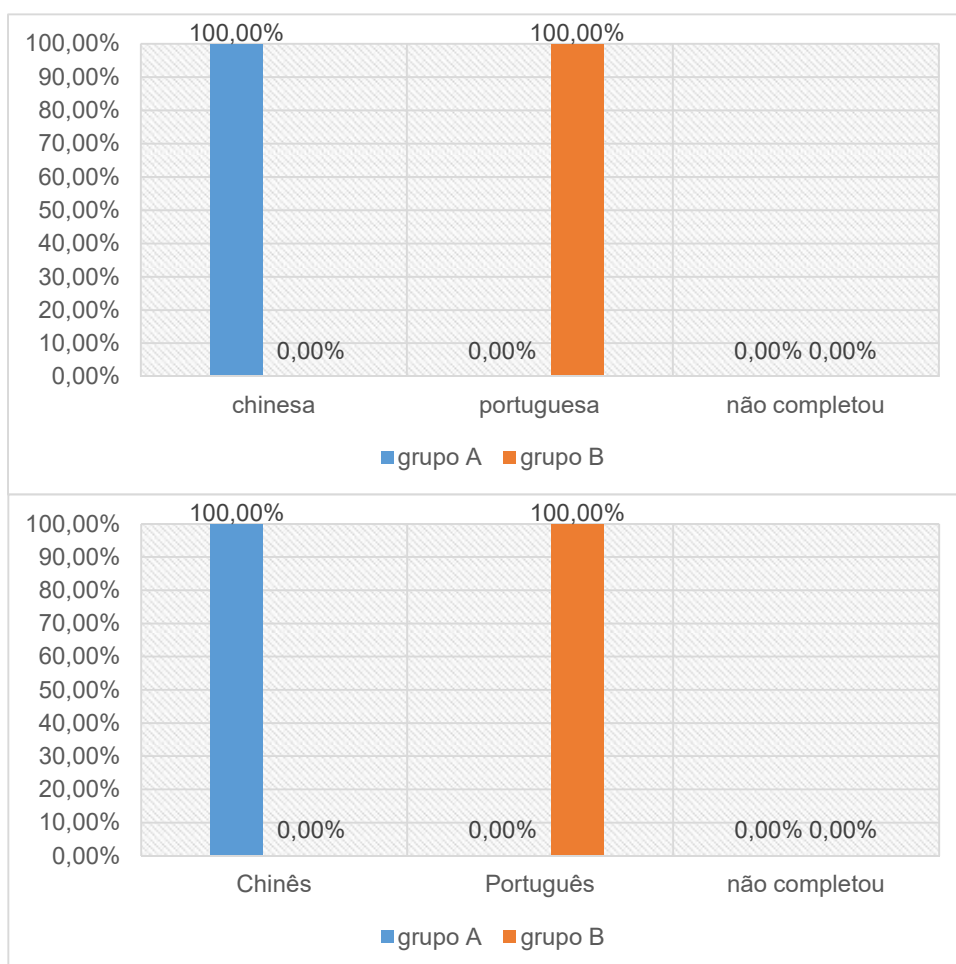


Gráfico 2 – Sexo dos inquiridos

Observando o Gráfico 1, 58,33% dos alunos chineses têm menos de 22 anos e os restantes encontram-se na faixa etária de 22 a 25; metade dos alunos portugueses tem menos de 22 anos, 41,67% deles situam-se na faixa etária de 22 a 25 e 8,33% têm mais de 25 anos.

No Gráfico 2, verifica-se que a maioria (70,83%) dos informantes do grupo A é do sexo feminino, ou seja, há mais alunas do que alunos entre os aprendentes da Língua Portuguesa,



uma vez que na China, os alunos masculinos normalmente mostram maior interesse nas áreas de ciências e engenharia, pela maior facilidade de arranjar um emprego. As alunas normalmente gostam mais de artes e humanidades. Quanto ao grupo B, a situação é semelhante: 62,5% é do sexo feminino.

Segundo os Gráficos 3 e 4, todo o grupo A é de nacionalidade chinesa e fala chinês como língua materna; o grupo B é de nacionalidade portuguesa e nativo da Língua Portuguesa.

2.2.2 há quantos anos estuda português

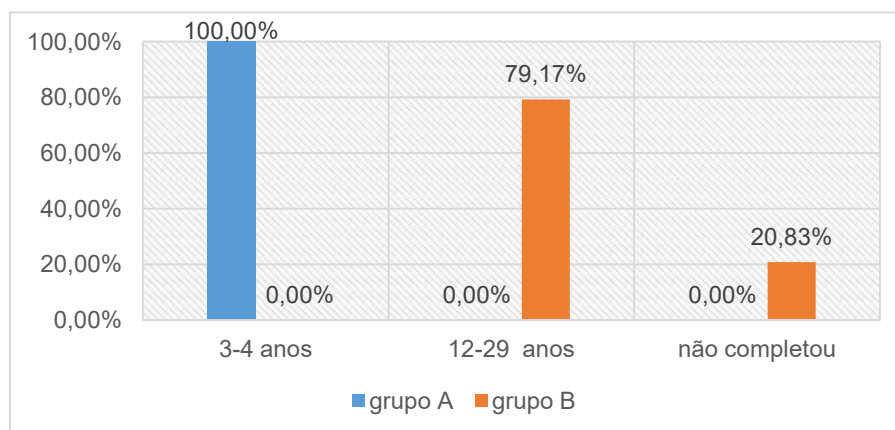


Gráfico 5 – Há quantos anos estuda português

O Gráfico 5 indica que os alunos chineses inquiridos estudam português há 3 ou 4 anos. Como estão no terceiro ano da licenciatura, quase todos começaram a aprender português desde a universidade. 79,17% dos alunos portugueses estudam português há 12 a 29 anos, e o resto não completou. A discrepância nas respostas dos alunos portugueses pode explicar-se pelo facto de que uns terão interpretado a pergunta como dizendo respeito à aquisição do português como língua materna (e evidentemente colocaram a idade que têm) e outros em relação ao estudo da língua em ambiente escolar (e colocaram os anos de escolaridade).

2.2.3 parte e nível de dificuldade na aprendizagem das orações relativas

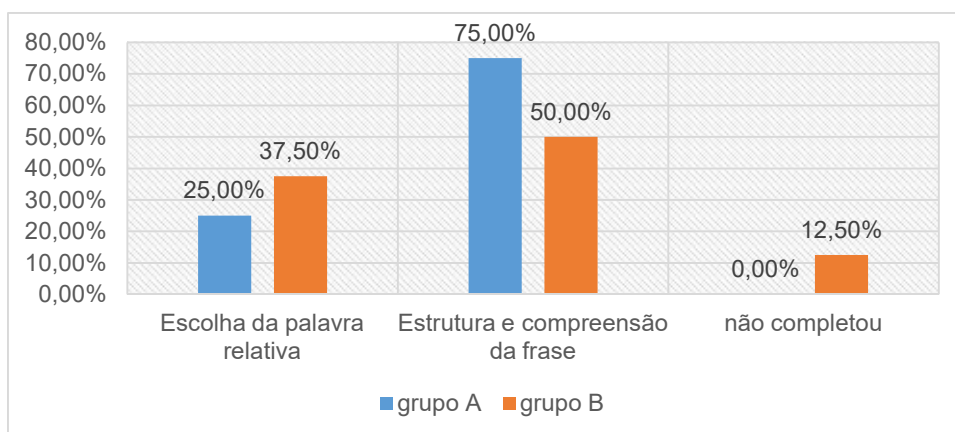


Gráfico 6 – A parte que acha mais difícil na aprendizagem das orações relativas

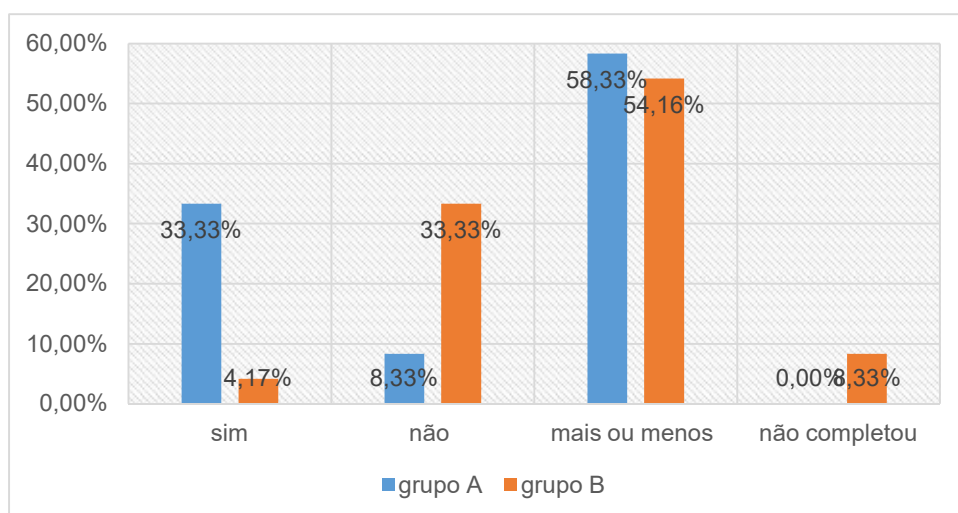


Gráfico 7 – Acha que as orações relativas são difíceis ou não

Segundo o Gráfico 6, a maior parte dos inquiridos (grupo A: 75%, grupo B: 50%) acham que a estrutura e compreensão da frase é mais difícil do que a escolha da palavra relativa. 25% do grupo A e 37,5% do grupo B consideram a escolha da palavra mais difícil. 12,5% dos alunos do grupo B não deram resposta. Consequentemente, é aconselhável que se ponha maior ênfase na parte da compreensão da frase no ensino e aprendizagem das orações relativas.

No Gráfico 7, somente 8,33% dos alunos chineses não acham que a subordinação relativa seja difícil; 33,33% deles acham-na difícil e 58,33% deles acham-na mais ou menos. No entanto, apenas 4,17% dos alunos portugueses acham as orações relativas difíceis; 54,16% deles acham-nas mais ou menos e 33,33% não as acham difíceis. Isto quer dizer que esse

tópico gramatical é considerado como representando uma muito maior dificuldade aos estrangeiros do que aos nativos.

2.3 Análise da segunda parte do inquérito

Nesta secção, examinam-se os resultados dos exercícios que os inquiridos fizeram sobre as orações relativas. Nos gráficos apresentados em seguida, o “grupo A” refere-se aos alunos chineses inquiridos e o “grupo B” diz respeito aos alunos portugueses inquiridos.

2.3.1 exercícios das palavras relativas

Esta parte avalia o desempenho dos alunos em relação ao emprego das palavras relativas, através da qual ficamos a saber as palavras relativas e as regras com maior dificuldade.

2.3.1.1 resultados do Exercício 1. 1)

Aqui se segue o Exercício 1. 1):

O tanque onde enchi com petróleo explodiu.

está correto deveria ser substituído por _____

A resposta correta é “deveria ser substituído por *que*”, pois o advérbio relativo onde nunca pode funcionar como complemento direto devido à sua propriedade adverbial (cf. Cap. 1.4.3.7). Ao observar o Gráfico 8, no grupo A, 41,67% dos alunos tiveram a resposta certa, a metade dos alunos escolheu a opção “está correto” e 8,33% deles substituíram “onde” por “em que” ou “no qual”; no grupo B, 87,5 dos inquiridos tiveram a resposta certa e o resto escolheu a opção “está correto”.

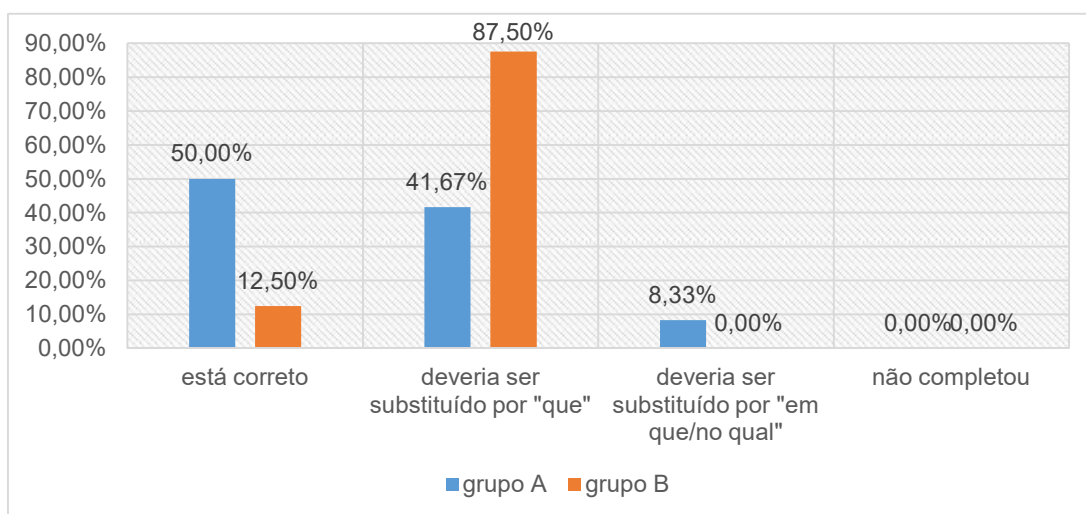


Gráfico 8 – Resultados do Exercício 1. 1)

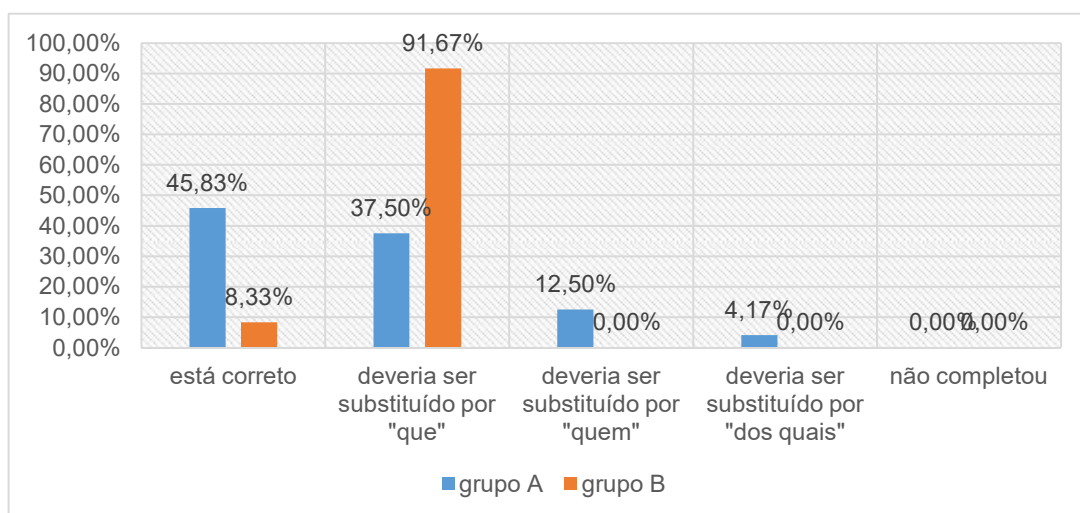
2.3.1.2 resultados do Exercício 1. 2)

O Exercício 1. 2) é o seguinte:

Os alunos os quais fizeram o trabalho podem obter o diploma.

está correto deveria ser substituído por _____

A solução é “deveria ser substituído por *que*”, pois a palavra relativa *o qual* não pode funcionar como sujeito ou complemento direto nas orações relativas restritivas (cf. Cap. 1.4.3.3). No Gráfico 9, apenas 37,5% dos alunos chineses acertaram, 45,83% deles escolheram a opção “está correto”, 12,5% deles substituíram “os quais” por “quem” e 4,17% dos alunos substituíram “os quais” por “dos quais”. Por outro lado, 91,67% dos alunos portugueses preencheram corretamente e 8,33% deles escolheram a opção “está correto”.



2.3.1.3 resultados do Exercício 1. 3)

O Exercício 1. 2) é o seguinte:

O ano quando o presidente visitou Lisboa foi excelente para as colheitas.

está correto deveria ser substituído por _____

A resposta correta é “deveria ser substituído por em que/no qual”, pois “quando” não

Gráfico 9 – Resultados do Exercício 1. 2)

pode ter a função de complemento oblíquo ou adjunto adnominal nas orações relativas restritivas, ao contrário de outros advérbios “onde”, “como” (cf. Cap. 1.4.3.1), o que muitas vezes é fácil de se confundir. No grupo A, 29,17% teve a resposta certa, 45,83% escolheu a opção “está correto”, 16,67% não colocou a preposição antes do pronome relativo “que”, e 8,33% não preencheu. No grupo B, 87,50% respondeu corretamente, 8,33% escolheu “está correto”, e 4,17% não colocou a preposição, como se ilustra no Gráfico 10.

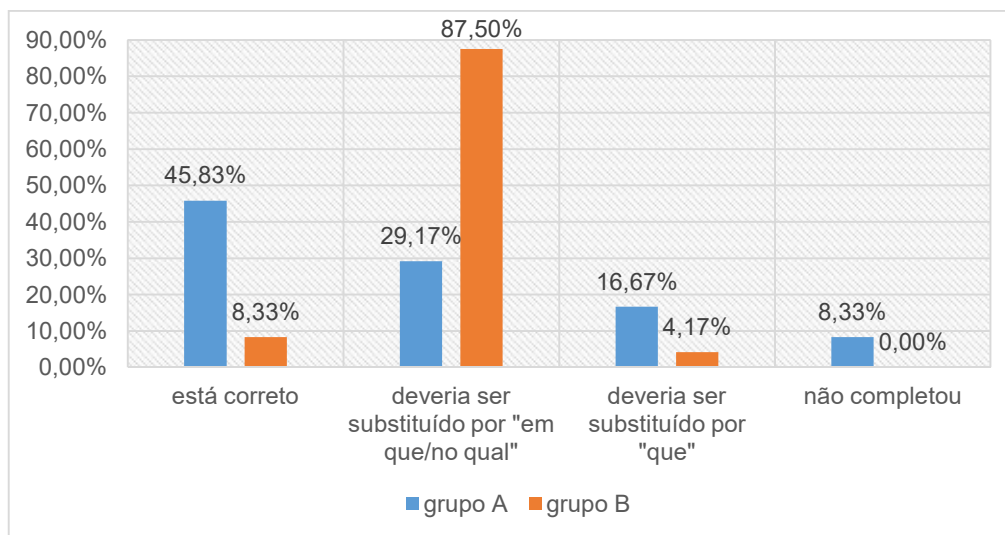


Gráfico 10 – Resultados do Exercício 1. 3)

2.3.1.4 resultados do Exercício 1. 4)

O Exercício 1. 4) é assim:

A rapariga quem me deu o livro estuda chinês há dois anos.

está correto deveria ser substituído por _____

A resposta exata é “deveria ser substituído por que”, pois nas orações relativas com antecedente explícito, o pronome relativo “quem” é sempre preposicionado, ou seja, nunca pode funcionar como sujeito ou complemento direto (1.4.3.4). De acordo com o Gráfico 11, 54,17% dos alunos chineses tiveram a resposta certa, e 45,83% deles escolher a opção “está correto”; todos os alunos portugueses inquiridos tiveram a resposta certa.

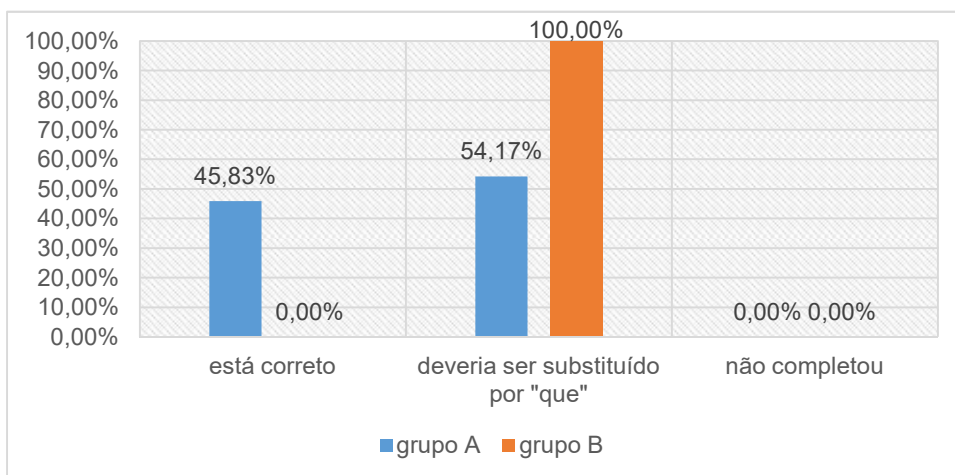


Gráfico 11– Resultados do Exercício 1. 4)

2.3.1.5 resultados do Exercício 1. 5)

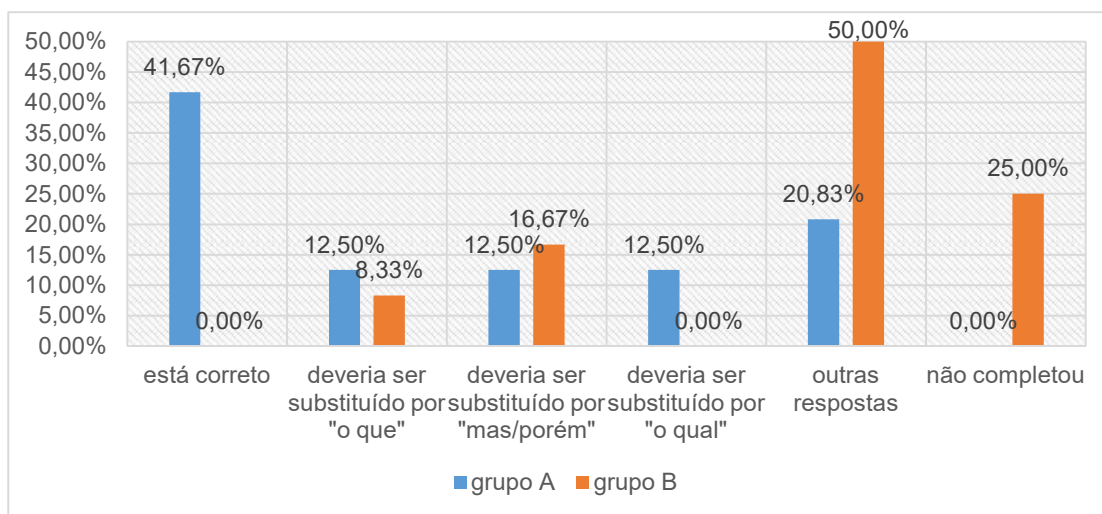
O Exercício 1. 2) é o seguinte:

O Pedro nunca criticava os filhos, que os incentivava.

está correto deveria ser substituído por _____

A solução é “deveria ser substituído por o que”, visto que para as orações relativas de frase, usa-se o pronome relativo “o que” em vez de “que” (cf. Cap. 1.4.3.2). observando o Gráfico 12, as respostas deste exercício são meio complicadas. No grupo A, apenas 12,5% dos alunos responderam corretamente, 41,67% deles escolheram a opção “está correto”, 12,5% dos alunos substituíram “que” por “mas/porém”, 12,5% do alunos substituíram “que” por “o qual”, e o resto teve outras respostas ainda menos relevantes. Os alunos portugueses também não tiveram um bom desempenho neste exercício: somente 8,33% dos alunos responderam corretamente, ainda menos do que os alunos chineses, ninguém escolheu “está correto”, 12,5% dos alunos substituíram “que” por “mas/porém”, 25% dos alunos não completou, e o resto (50%) deu outras respostas irrelevantes. Isto revela que todos os alunos

portugueses sabiam que a palavra relativa da frase estava errada mas não se lembravam do uso do pronome relativo “o que”.



2.3.1.6 resultados do Exercício 1. 6)

Aqui se segue o Exercício 1. 6):

Eu não sei a idade que ele começou a trabalhar.

está correto deveria ser substituído por _____

A resposta correta é “deveria ser substituída por com que”, pois nessa frase, o constituinte relativo tem a função de complemento oblíquo semanticamente temporal. Neste caso, é

Gráfico 12 – Resultados do Exercício 1. 5)

obrigatório que o pronome relativo “que” seja precedido da preposição “com”, a qual se conforma com o contexto (começar a trabalhar com *que* idade). Esta pergunta visa a avaliar a capacidade de analisar a estrutura da frase e a noção de proposição nas orações relativas, além do conhecimento das palavras relativas. Ao ver o gráfico 13, No grupo A, ninguém deu a resposta certa, 12,5% escolheu a opção “está correto”, 45,83% substituiu “que” por “em que” / “a que” / “de que”, 37,5% preencheu a substituição com “quando”, e 4,17% substituiu “que” por “onde”. No grupo B, 58,33% dos alunos deram a resposta exata, 12,5% dos alunos escolheram “está correta”, 29,17% dos alunos colocaram a preposição errada (*em/a/de*) antes do pronome relativo “que”, 4,17% dos alunos substituíram “que” por “quando”.

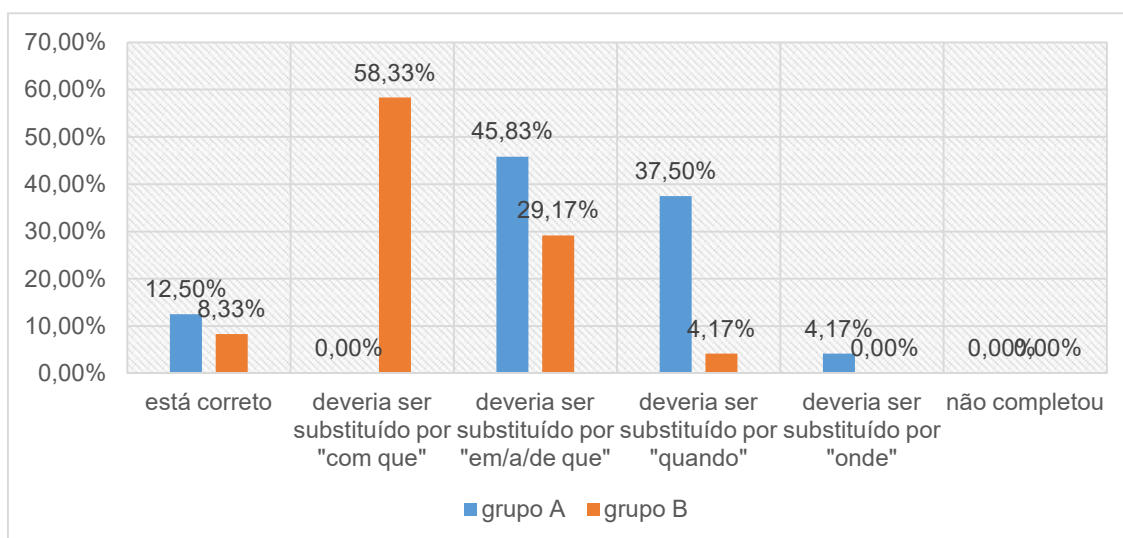


Gráfico 13 – Resultados do Exercício 1. 6)

2.3.1.7 resultados do Exercício 1. 7)

O Exercício 1. 7) é assim:

Camões é um grande escritor cujo obras foram traduzidas para várias línguas.

está correto deveria ser substituído por _____

Nesta frase, o determinante relativo “cujo” deveria ser substituído por “cujas”, dado que “cujo” varia em género e número conforme o substantivo seguinte (cf. Cap. 1.4.3.5). No gráfico 14, a grande parte (83,33%) dos alunos chineses tiveram a resposta correta, 12,5% deles escolheram a opção “está correta”, e o resto (4,17%) não concluiu. Quanto aos inquiridos portugueses, 91,67% dos alunos responderam corretamente, 4,17% escolheram a opção “está correto”, e 4,17% dos alunos substituíram “cujo” por “cujas as”, como se mostra no Gráfico 14:

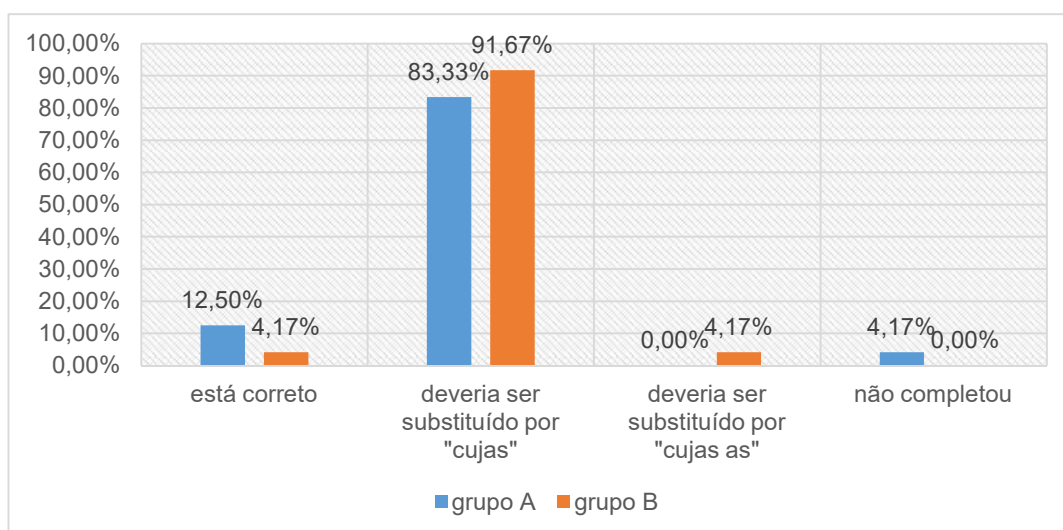


Gráfico 14 – Resultados do Exercício 1. 7)

2.3.1.8 resultados do Exercício 1. 8)

O Exercício 1. 8) é o seguinte:

Ela é a pessoa sem quem ele não vive.

está correto deveria ser substituído por _____

Nesta frase, o pronome relativo “quem” deveria ser substituído por “a qual”, pois quando o constituinte relativo com traço semântico humano é precedido de “sem”, usa-se “a qual” em vez de “quem” para evitar a dissonância de “sem” e “quem” (cf. Cap. 1.4.3.3). Esta regra pode ser um pouco difícil para os alunos porque alguns livros de gramática não a mencionam. Segundo o Gráfico 15, só 4,17% dos alunos chineses acertaram, 58,33% dos alunos achavam a frase correta, 25% dos alunos substituiu “quem” por “que”, 4,17% dos alunos não completaram, e o resto substituiu “quem” por outras respostas mais irrelevantes como “alguém” e “com quem”. No grupo B, 45,83% dos portugueses tiveram resposta certa, 41,67% deles escolheram a opção “está correto”, 8,33% dos alunos não preencheram.

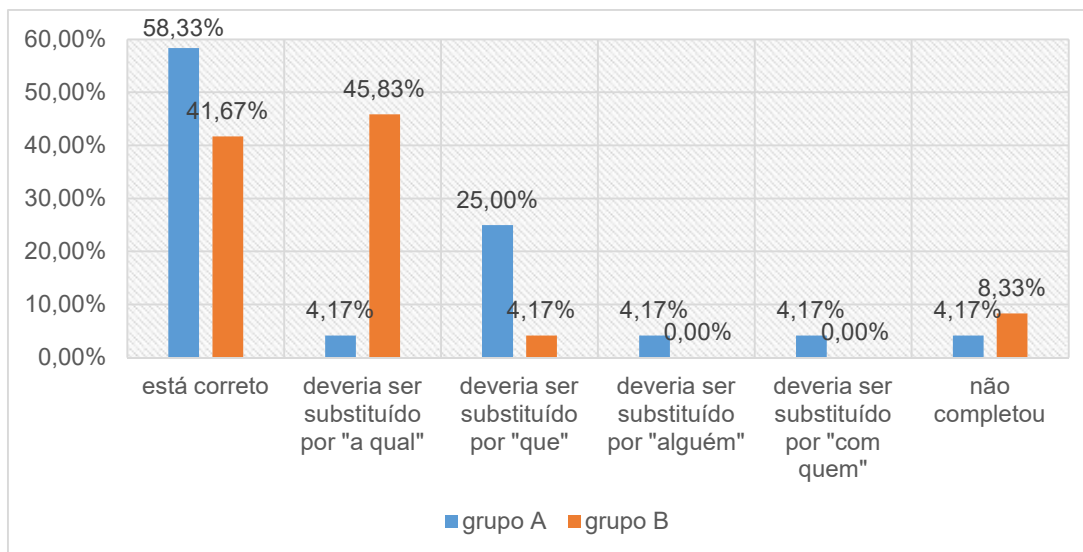


Gráfico 15 -- Resultados do Exercício 1. 8)

2.3.1.9 resultados do Exercício 1. 9)

O Exercício 1. 9) é o seguinte:

Todos que viram o texto passaram no exame.

está correto deveria ser substituído por _____

Nesta frase, o pronome relativo deveria ser substituído por “os que” ou “quantos”, pois nas orações relativas com o antecedente quantificador “tudo/todo(s)/toda(s)”, usa-se o pronome relativo “o que” ou “quanto”, os quais podem ser variáveis (cf. Cap. 1.4.3.2 e 1.4.3.6). No Gráfico 16, 8,33% dos alunos chineses e 66,67% dos portugueses tiveram a resposta certa, substituindo “que” por “os que”. No entanto, nenhum dos alunos, quer chineses quer portugueses, substituíram “que” por “quantos”. Isto quer dizer que o pronome relativo “quanto” não é nada frequente entre os alunos. De resto, 83,33% dos alunos chineses e 33,33% dos portugueses escolheram a opção “está correto”; 8,33% dos alunos chineses substituiu “que” por “quem”.

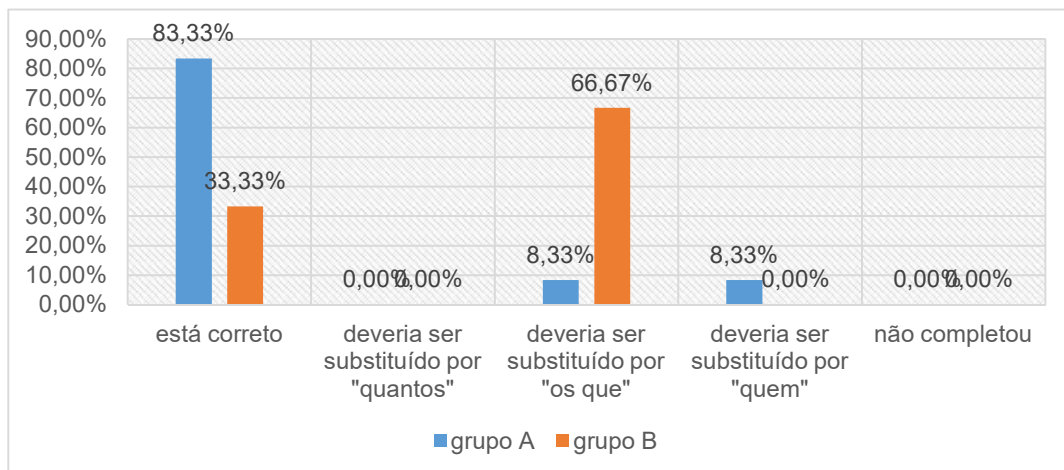


Gráfico 16 -- Resultados do Exercício 1. 9)

2.3.1.10 resultados do Exercício 1. 10)

Aqui está o Exercício 1. 10):

A Mariana, quem nasceu em Aveiro, vai a Lisboa todos os meses.

está correto deveria ser substituído por _____

A resposta exata é “deveria ser substituído por *que*”, porque mesmo nas relações relativas afirmativas, “quem” não pode ter a função de sujeito ou complemento direto (cf. Cap. 1.4.3.4). Como se apresenta no Gráfico 17, 45,83% dos alunos chineses acertaram e o resto escolheu “está correto”; todos os alunos portugueses deram a resposta certa.

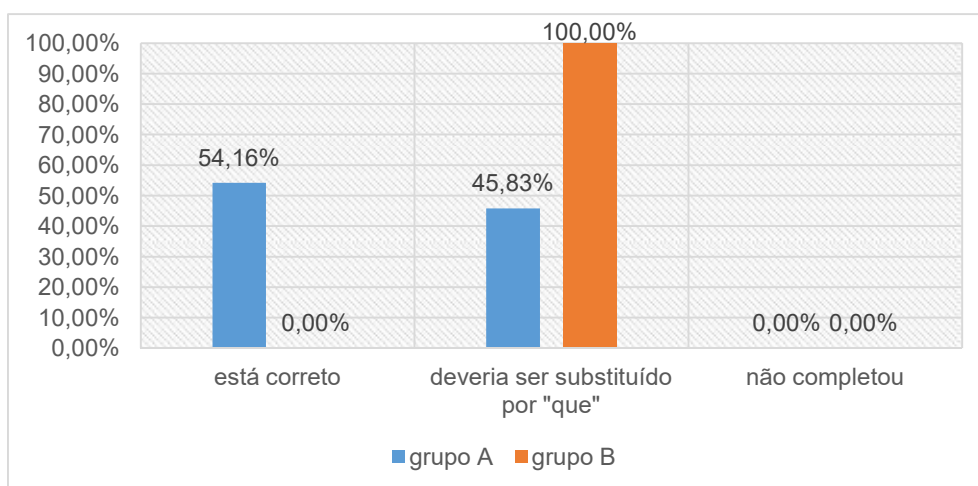


Gráfico 17 -- Resultados do Exercício 1. 10)

2.3.2 Exercícios da compreensão da frase

Nesta secção, apresentam-se os resultados do Exercício 2 e 3, os quais se destinam a verificar, respetivamente, as dificuldades de compreensão das orações relativas em termos da alteração da ordem canónica das palavras na frase (efeito de “foco”) e do tipo de encaixe. No exercício 2, as palavras relativas têm funções diferentes, fazendo com que a ordem dos constituintes da frase varie. Os alunos escolhem a interpretação que acham correta de cada frase, e classificam o nível da dificuldade na sua compreensão. No exercício 3, são colocadas, em cada par, duas frases com diferentes tipos de encaixe (à direita e ao centro). Os alunos escolhem aquela que julgam de mais difícil compreensão.

2.3.2.1 resultados do Exercício 2. 1)

O exercício 2. 1) é o seguinte:

O gato que o cão assustou caiu em cima do coelho.

O cão caiu em cima do coelho.

O gato caiu em cima do coelho.

(nível da dificuldade: 1-muito fácil, 2-fácil, 3-mais ou menos, 4-difícil, 5-muito difícil)

Nesta frase, a palavra relativa tem a função de complemento direto, a interpretação correta é a segunda: “o gato caiu em cima do coelho”. Segundo os dados do Gráfico 18, todos os alunos portugueses inquiridos acertaram, e 95,83% dos alunos chineses escolheram a interpretação correta. No Gráfico 19, verifica-se que 41,67% do grupo A e do grupo B achavam a compreensão muito fácil, 45,83% do grupo A e 41,67% do grupo B achavam-na fácil, 8,33% do grupo A e do grupo B achavam mais ou menos, 4,17% do grupo A e 8,33% do grupo B achavam difícil, ninguém a achava muito difícil.

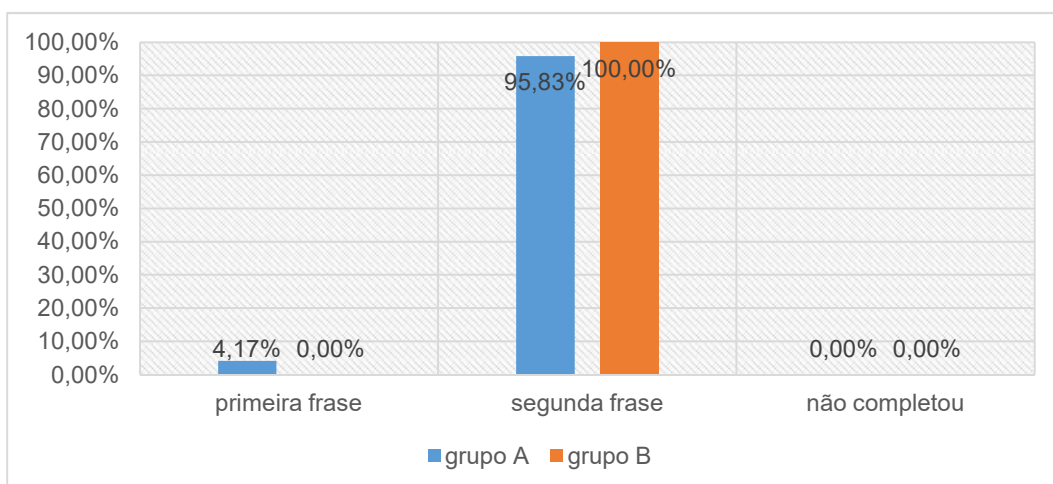


Gráfico 18 -- Resultados do Exercício 2. 1)

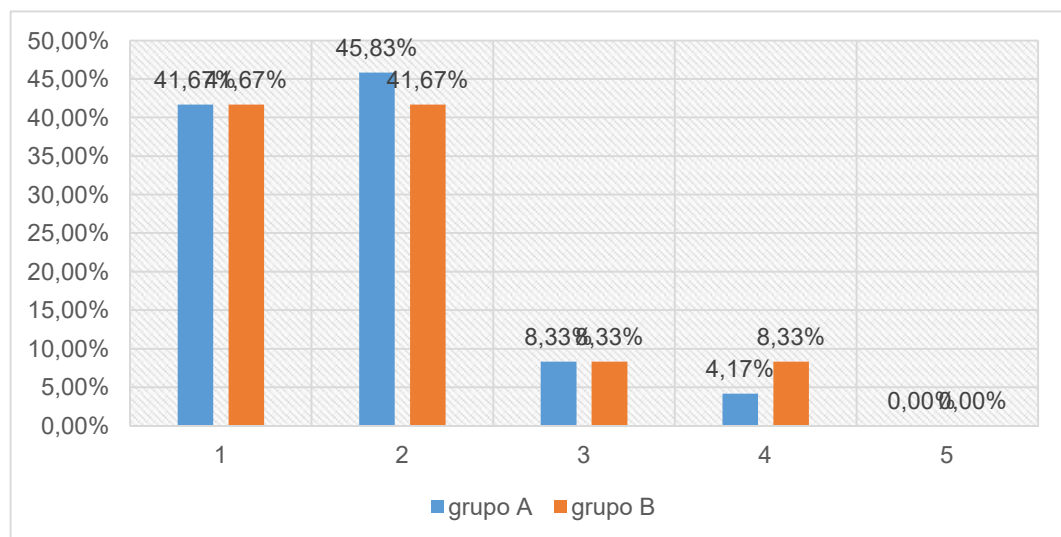


Gráfico 19 -- Nível da dificuldade do Exercício 2. 1)

2.3.2.2 resultados do Exercício 2. 2)

No exercício 2. 2), a oração relativa faz parte do sujeito da oração principal e a palavra relativa desempenha a função de sujeito da oração relativa:

O cão que saltou por cima do gato assustou o coelho.

O cão assustou o coelho.

O gato assustou o coelho.

A interpretação correta é a primeira frase: “O cão assustou o coelho”. Todos os alunos portugueses e 95,83% dos alunos chineses escolheram a resposta certa, 4,17% dos alunos chineses erraram. Quanto ao nível da dificuldade, no grupo A, 45,83% dos alunos achavam

muito fácil, 41,67% dos alunos achavam fácil, 8,33% deles achavam mais ou menos e 4,17% deles achavam difícil, ninguém achava muito difícil; no grupo B, a metade achava muito fácil, 45,83% dos alunos achavam fácil, e o resto achava mais ou menos, como se ilustra no

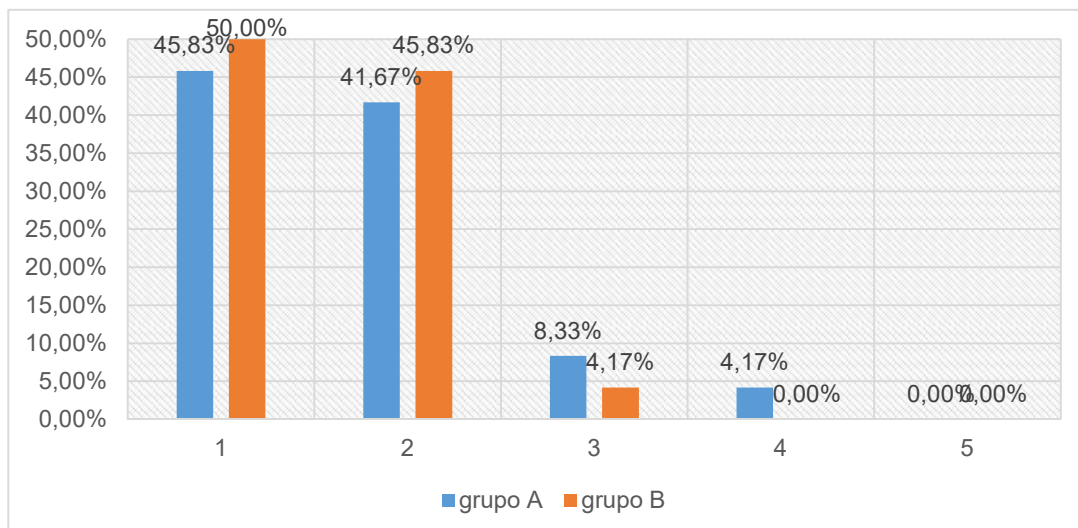


Gráfico 20 e no Gráfico 21.

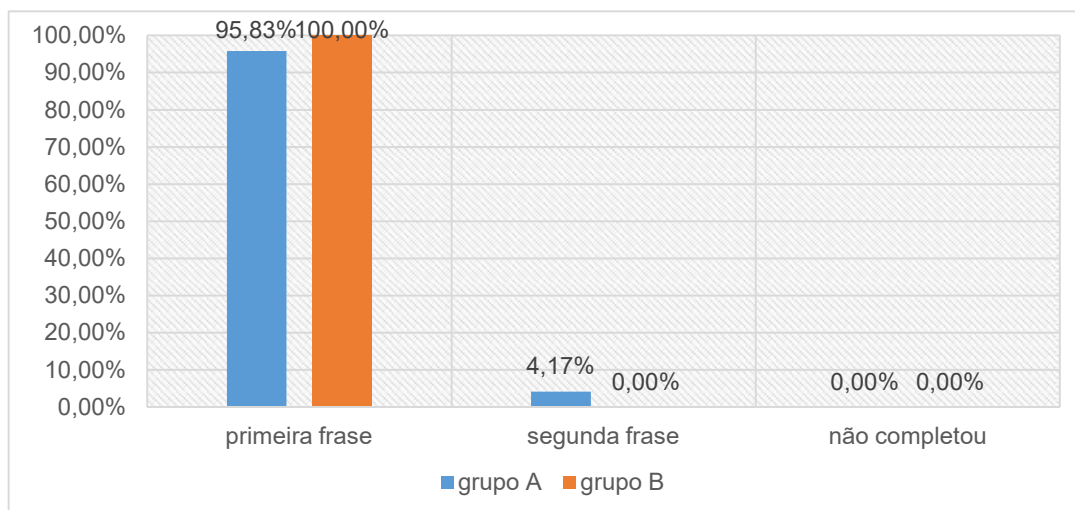


Gráfico 21 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 2)

2.3.2.3 resultados do Exercício 2. 3)

Neste exercício, a palavra relativa funciona como complemento indireto na oração relativa:

O funcionário a quem o menino deu o livro é francês.

O livro é francês.

O menino deu o livro ao funcionário.

A resposta correta deste exercício é segunda interpretação: “o menino deu o livro ao funcionário”. Examinando o Gráfico 22 e o Gráfico 23, constatamos que todos os alunos portugueses e 95,83% dos alunos chineses acertaram, e 4,17% dos alunos chineses erraram. No grupo A, 45,83 dos alunos achavam a compreensão muito fácil, 41,67% deles achavam fácil, 8,33% dele achavam mais ou menos, e o resto achava difícil. No grupo B, 33,33% dos alunos portugueses achavam muito fácil, 29,17% deles achavam fácil, 29,17% achavam mais ou menos, e o resto achava difícil.

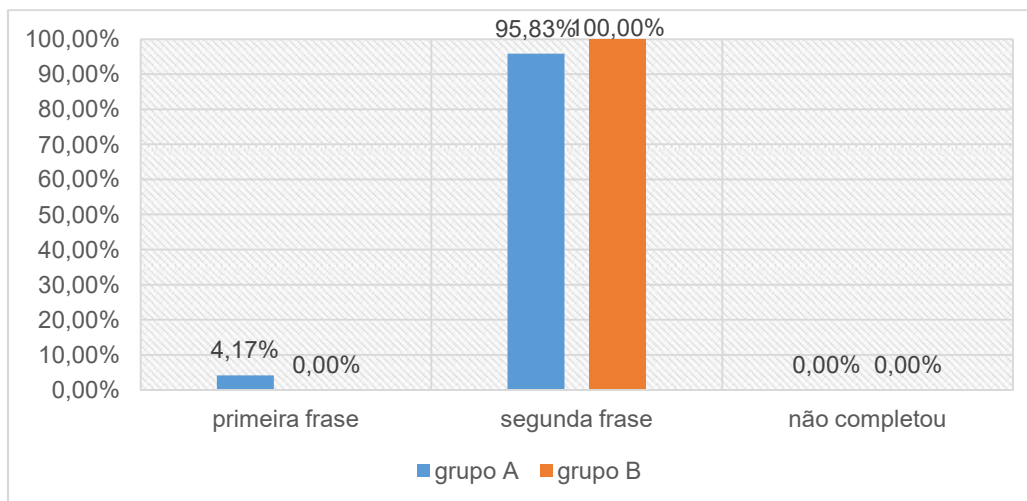
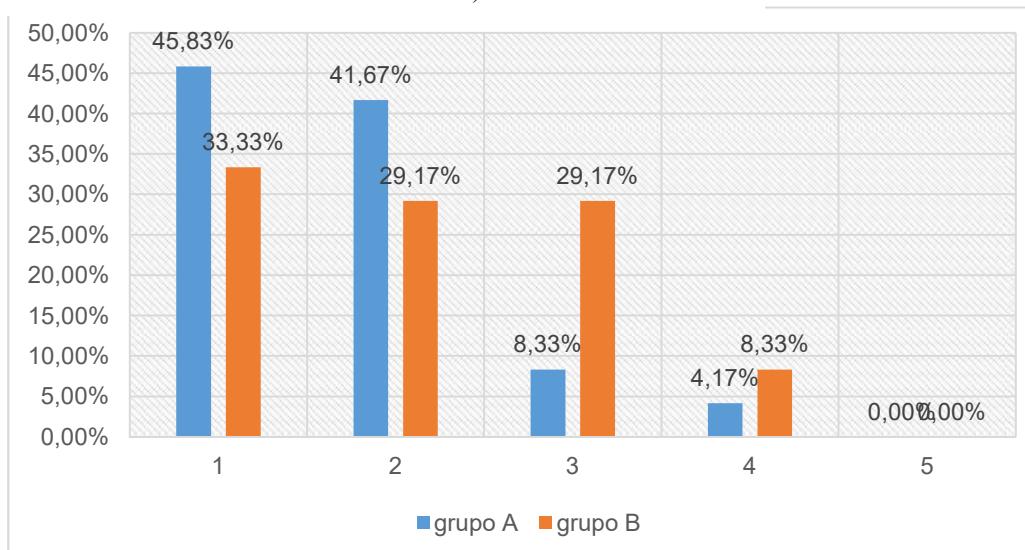


Gráfico 22 -- Resultados do Exercício 2. 3)



2.3.2.4 resultados do Exercício 2. 4)

O Exercício 2. 4) é assim:

O rapaz de quem é o gato partiu o prato branco.

O gato é do rapaz.

O gato partiu o prato

Neste exercício, a oração relativa tem a função de adjunto adnominal. A interpretação exata é a primeira: “o gato é do rapaz”. No Gráfico 24, 58,33% dos alunos chineses e 83,33% dos

Gráfico 23 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 3)

alunos portugueses tiveram a resposta correta, 41,67% dos alunos chineses e 4,17% dos portugueses escolheram a interpretação errada, 12,5% dos alunos portugueses não preencheram. De acordo com o Gráfico 25, no grupo A, ninguém considerava a compreensão muito fácil, 29,17% do grupo considerava fácil, 16,67% considerava mais ou menos, 33,33% achava difícil e 20,83% achava muito difícil; no grupo B, 8,33% deles achavam muito fácil, 37,5% deles achavam fácil, 20,83% dos alunos achavam mais ou menos, 20,83% deles consideravam difícil, 4,17% deles consideravam muito difícil, e 12,50 dos alunos portugueses não completaram.

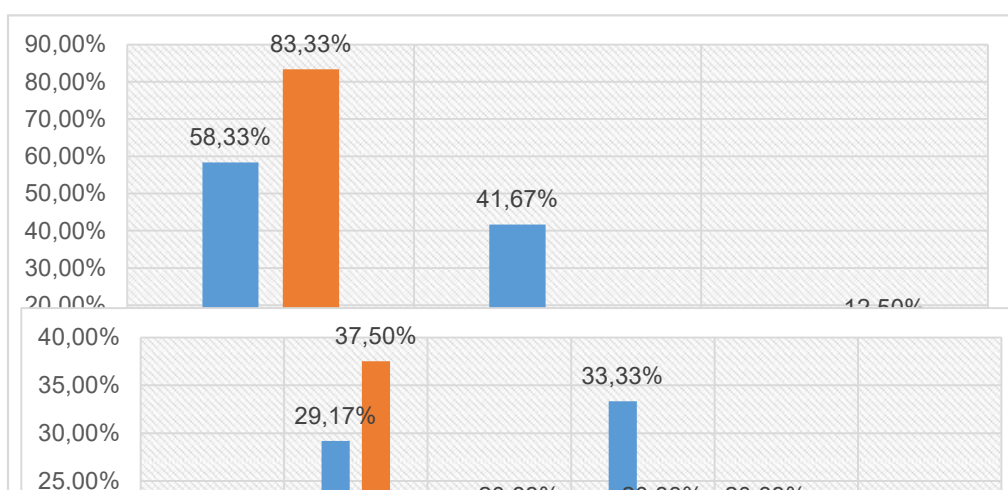
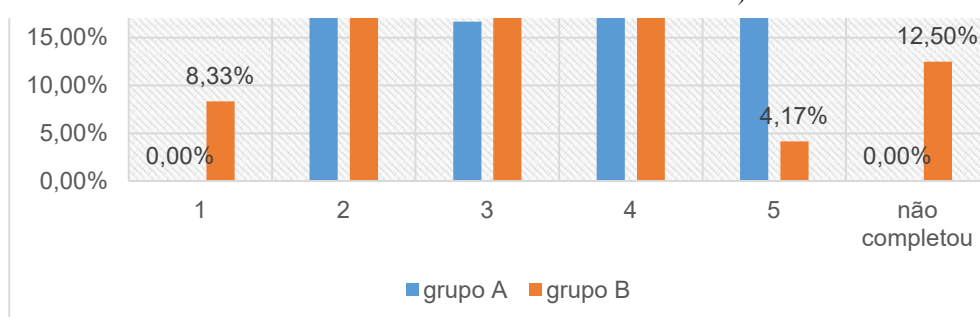


Gráfico 24 -- Resultados do Exercício 2. 4)



2.3.2.5 resultados do Exercício 2. 5)

No exercício 2. 5), a palavra relativa funciona como predicativo na oração relativa:

O rapaz simpático que ele era dantes tornou-se agora muito rabugento.

Dantes ele era simpático.

Dantes ele era muito rabugento.

A primeira interpretação “dantes ele era simpático” está correta. Neste exercício, todos os alunos portugueses e 91,67% dos alunos chineses acertaram, 8,33% dos alunos chineses erraram. A respeito ao nível da dificuldade, 20,83% do grupo A e 58,33% do grupo B

Gráfico 25 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 4)

achavam muito fácil, 50% do grupo A e 25% do grupo B achavam fácil, 20,83% do grupo A e 12,5% do grupo B achavam mais ou menos consideravam difícil, ninguém deles julgava muito difícil, como se mostra no Gráfico 27:

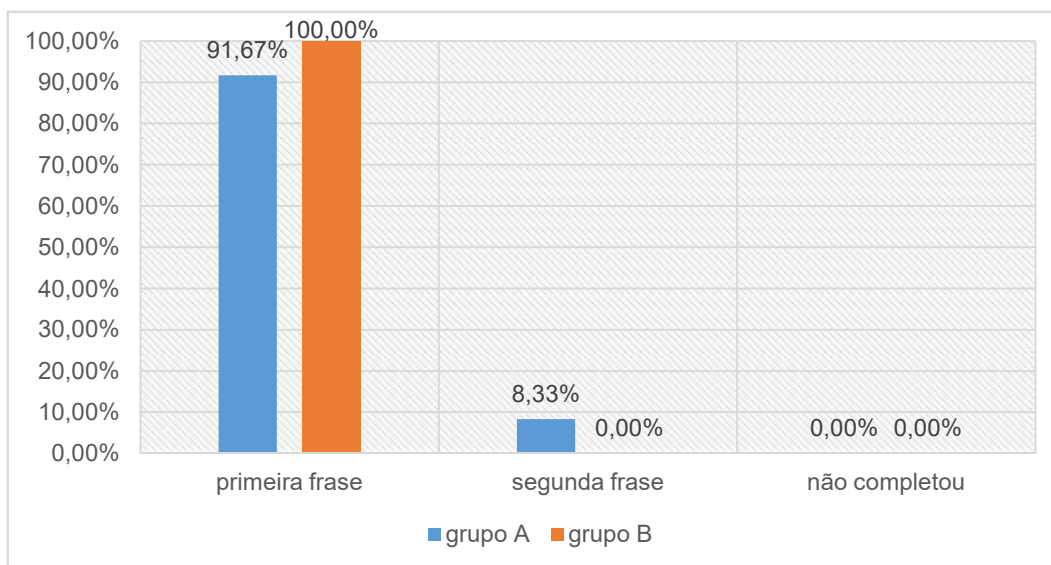
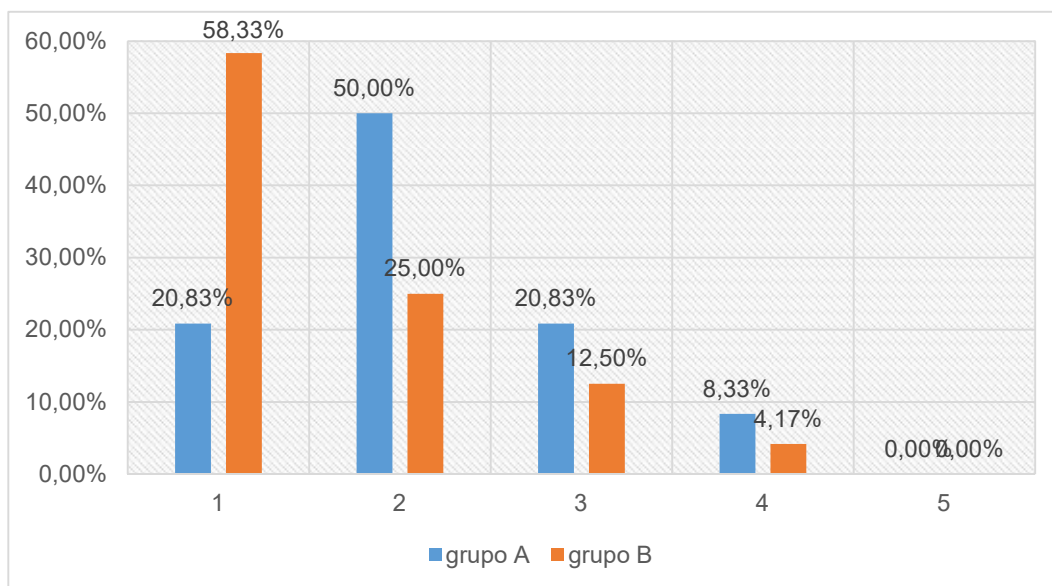


Gráfico 26 -- Resultados do Exercício 2. 5)



2.3.2.6 resultados do Exercício 2. 6)

Neste exercício, a expressão relativa possui a função de complemento nominal:

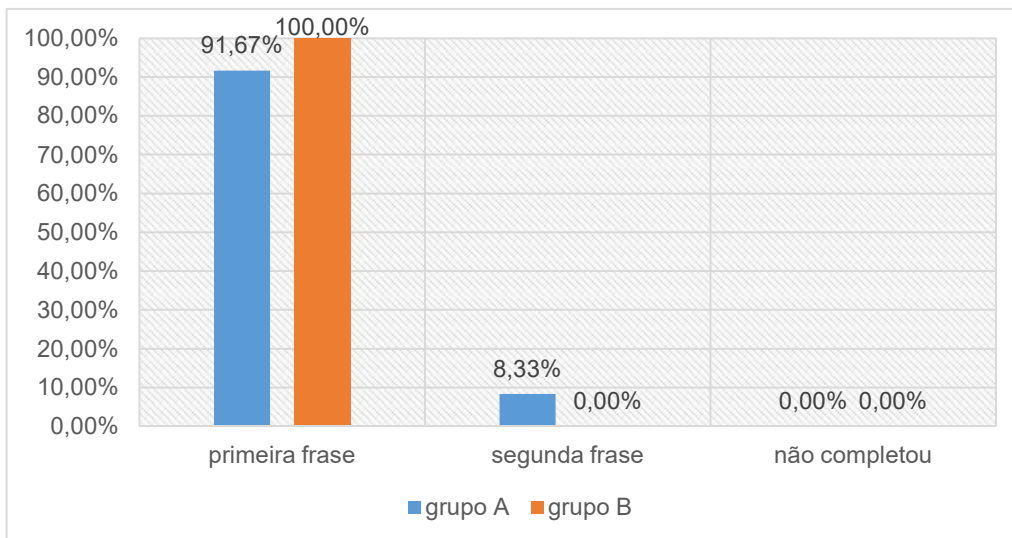
O livro sobre o qual saiu o comentário no jornal mudou a ideia da Maria.

O comentário no jornal sobre o livro mudou a ideia da Maria.

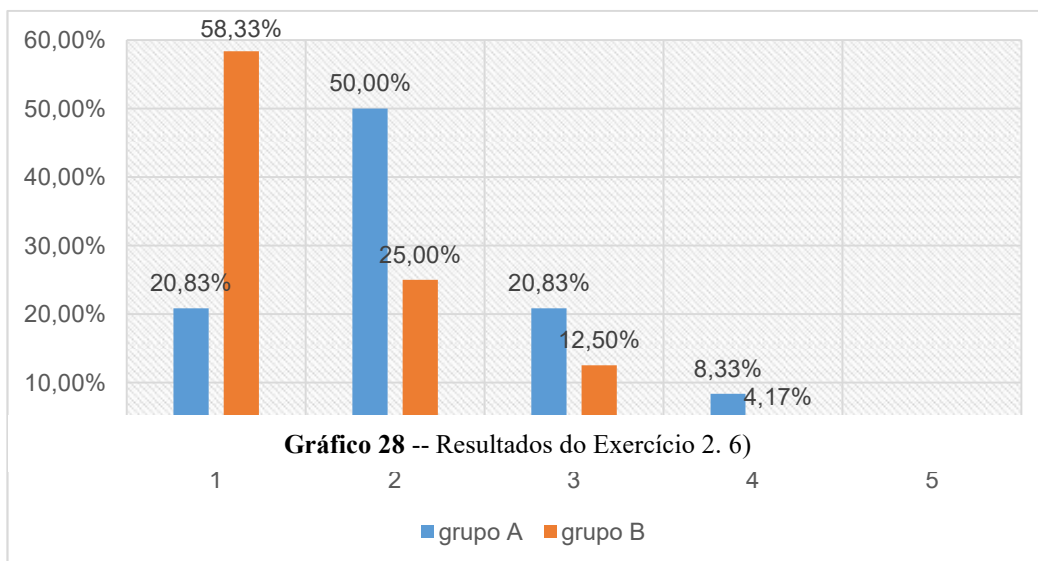
O livro mudou a ideia da Maria.

Gráfico 27 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 5)

A resposta certa é a segunda interpretação: “o livro mudou a ideia da Maria.” Observando o Gráfico 28, todos os portugueses e 91,67% dos alunos chineses escolheram a resposta exata, 8,33% dos alunos chineses enganaram-se. Segundos os dados do Gráfico 29, no grupo A, 20,83% alunos achavam a compreensão da frase muito fácil, metade achava fácil, 20,83% deles achavam mais ou menos, 8,33% deles achavam difícil; no grupo B, 58,33% dos alunos chineses consideravam-na muito fácil, 25% dos alunos consideravam fácil, 12,5% deles achavam mais ou menos, e 4,17% deles julgavam difícil. Nenhum dos



inquiridos achava muito difícil.



2.3.2.7 resultados do Exercício 2. 7)

O Exercício 2. 7) é o seguinte:

A diretora pela qual foi dada a ordem é muito rigorosa.

A diretora que deu a ordem é muito rigorosa.

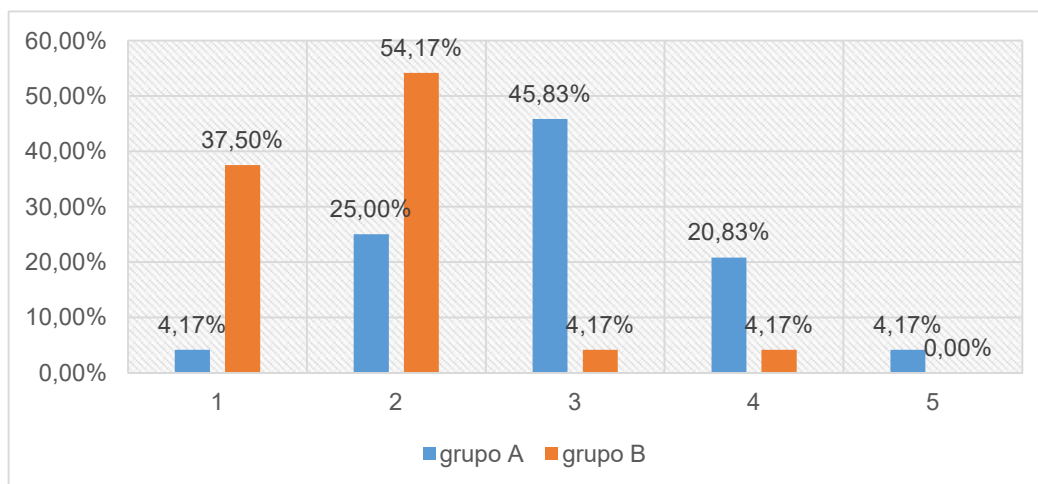
A ordem que foi dada pela diretora é muito rigorosa.

Neste exercício, a palavra relativa funciona como agente da passiva na oração relativa. A interpretação certa é a primeira: “a diretora que deu a ordem é muito rigorosa”. Segundo os dados, 70,83% dos alunos chineses e 95,83 dos alunos portugueses escolheram a correta; 29,17% dos alunos chineses e 4,17% dos alunos portugueses escolheram a errada. No grupo

Gráfico 29 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 6)

A,

apenas 4,17 dos alunos chineses consideravam a compreensão muito fácil, 25% dos alunos consideravam fácil, 45,83% dos alunos achavam mais ou menos, 20,83% deles achavam difícil, e 4,17% deles achavam muito difícil. No grupo B, 37,5% dos alunos portugueses consideravam-na muito fácil, 54,17% dos alunos consideravam fácil, 4,17% deles achavam mais ou menos, e o resto julgava difícil.



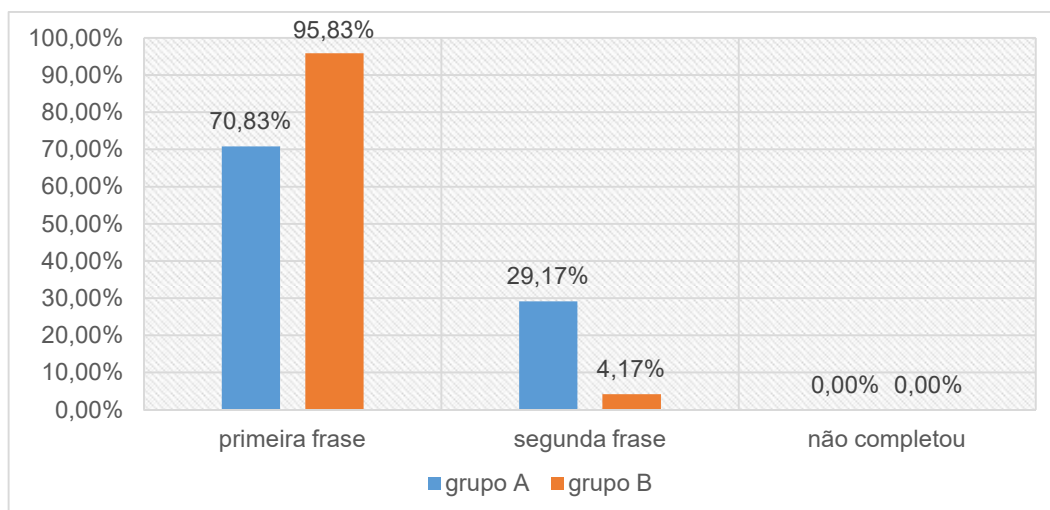


Gráfico 31 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 7)

2.3.2.8 resultados do Exercício 2. 8)

No Exercício 2. 8), a palavra relativa tem a função de adjunto adverbial na oração relativa:

A mesa onde a rapariga colocou o caderno tem desenhos.

O caderno que foi colocado na mesa tem desenhos.

A mesa tem desenhos.

A resposta exata é a segunda frase: “a mesa tem desenhos”. No Gráfico 32, todos os portugueses e 79,17% dos alunos chineses tiveram a resposta correta; 20,83% dos alunos chineses enganaram-se. Em relação ao nível da dificuldade, no grupo A, 33,33% dos alunos achavam muito fácil, 29,17% dos alunos achavam fácil, 20,83% dos alunos achavam mais ou menos, 4,17% deles considerava difícil e o resto (12,5%) julgava muito difícil. No grupo B, 75% dos alunos portugueses achavam muito fácil, 16,67% dos alunos achava fácil, 4,17% deles achavam mais ou menos e o resto (4,17%) considerava difícil.

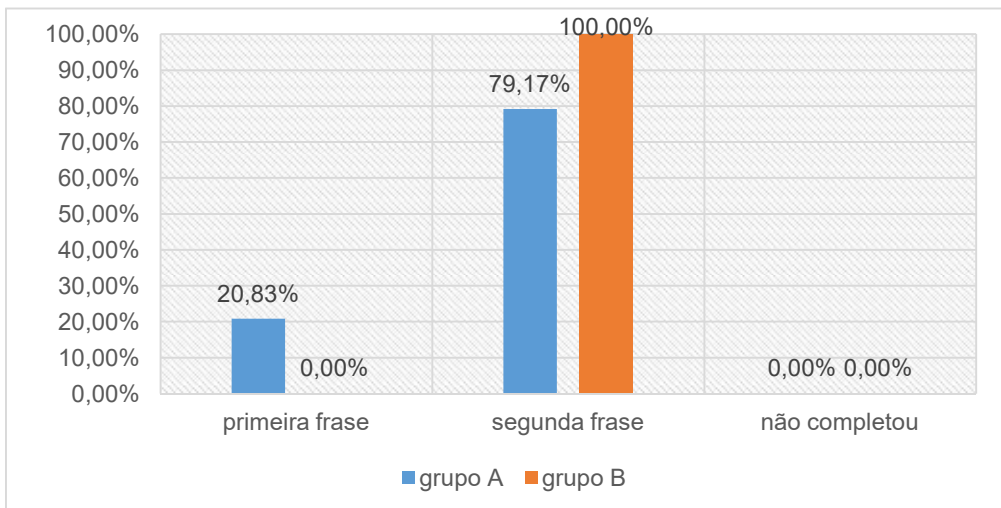


Gráfico 32 -- Resultados do Exercício 2. 8)

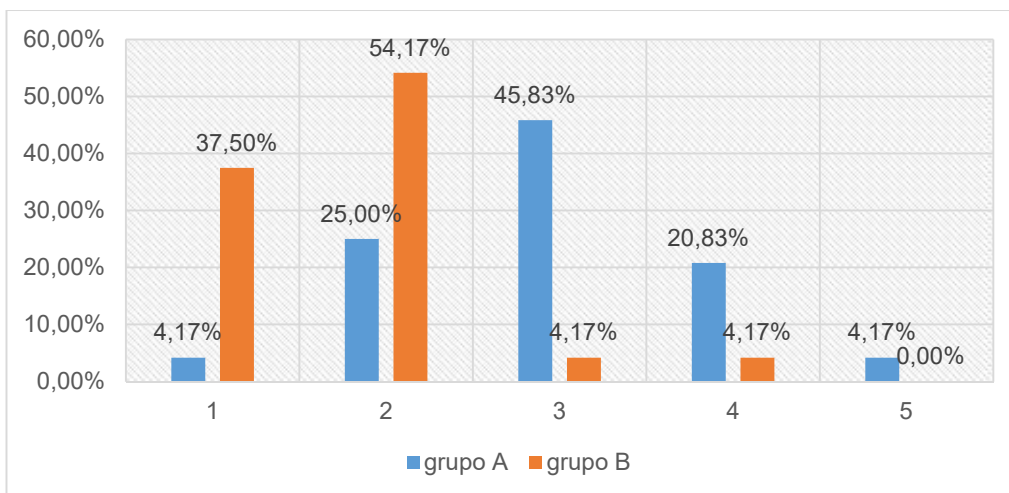


Gráfico 33 – Nível da dificuldade do Exercício 2. 8)

2.3.2.9 resultados do Exercício 3. 1)

Neste exercício, são apresentadas as duas frases seguintes para os alunos escolherem aquela que consideram mais difícil de compreensão:

- O cão mordeu o gato que saltou por cima do coelho.*
- O cão que saltou por cima do coelho mordeu o gato.*

A oração relativa da primeira frase encaixa-se à direita. Na segunda frase, a oração relativa encontra-se encaixada ao centro. Nota-se que, neste par, a palavra relativa tem a função de sujeito. Ao ver o Gráfico 34, no grupo A, a metade dos alunos achava a primeira frase mais difícil; no grupo B, 29,16% dos alunos escolheram a primeira frase, 66,67% dos alunos escolheram a segunda frase, e 4,17% deles não preencheram.

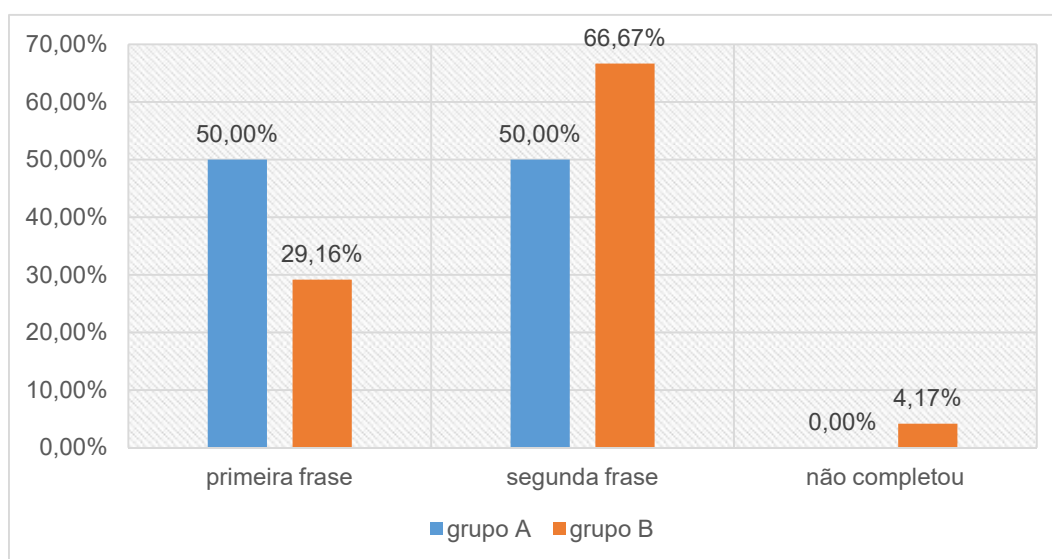


Gráfico 34 -- Resultados do Exercício 3. 1)

2.3.2.10 resultados do Exercício 3. 2)

No exercício 3. 2), a palavra relativa funciona como complemento direto na oração relativa. Os inquiridos devem escolher entre as frases seguintes:

- O homem que a menina beijou chamou a senhora.*
- A senhora chamou o homem que a menina beijou*

Na primeira frase, a oração relativa está encaixada ao centro. Na segunda frase, a oração relativa encaixa-se à direita. Segundo o Gráfico 35, no grupo A, 62,5% dos chineses escolheram a primeira frase, 37,5% deles escolheram a segunda frase. No grupo B, 62,5% dos alunos portugueses achavam a primeira frase mais difícil, 33,33% dos alunos escolheram a segunda frase, e 4,17% deles não completaram.

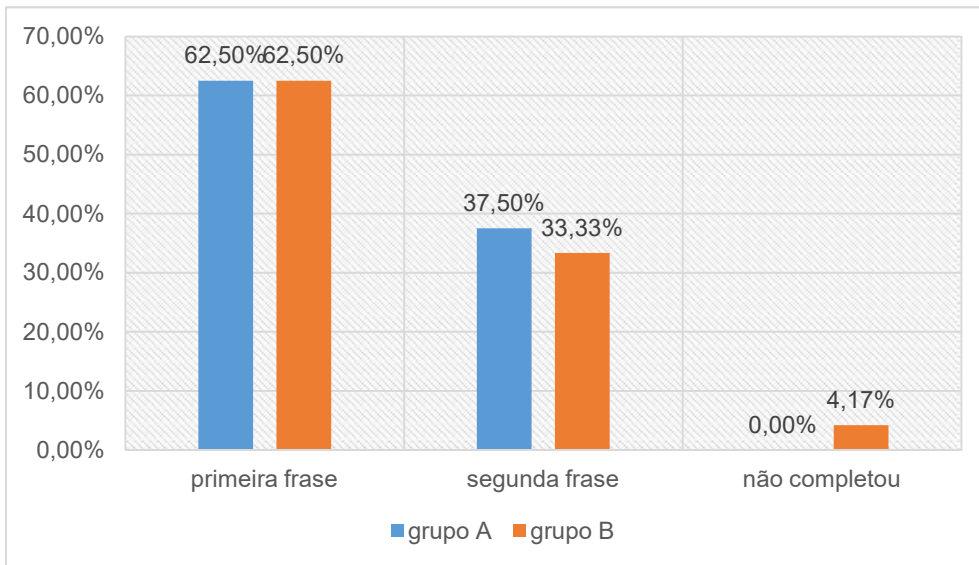


Gráfico 35 -- Resultados do Exercício 3. 2)

Capítulo III Dificuldades e principais problemas

Neste capítulo analisam-se as dificuldades e problemas mais comuns dos alunos inquiridos com base nos resultados do inquérito. As dificuldades podem ter diversas origens: lacunas no conhecimento da própria gramática portuguesa, interferência da língua materna por parte de alunos chineses, complexidade do processo de compreensão, entre outras.

3.1 Análise geral dos erros mais comuns dos inquiridos

Tudo aquilo que constitua uma violação das normas que regem o comportamento linguístico do falante idealizado de uma qualquer língua é considerado um erro (Torre, 1985, p. 20). Os erros cometidos pelos alunos refletem os elos fracos no domínio de determinado tópico gramatical, como também nos auxiliam na deteção das causas possíveis de acordo com o diagnóstico e a classificação de erros na escrita ou na fala. A análise dos erros exige-nos que tratemos os erros como um instrumento estratégico, segundo Magro (1979, p. 129):

O erro já não é visto aqui como algo de prejudicial, mas como a atualização de estratégias do aluno, como hipóteses a serem testadas na criação de uma gramática própria que se aproxime gradativamente da de LE (Língua Estrangeira).

Nesse sentido, Magro (1979, p. 129) ainda cita as palavras de Svartvick (1972, p. 9):

Erro tem um significado positivo com uma função na estratégia do aprendiz. Os erros constituem um “feedback” valioso no processo de ensino. Pode-se dizer que é, pelo menos parcialmente, localizando os erros que os alunos aprendem a aprender e os professores aprendem a ensinar.

Torre (1985, p. 29) expõe algumas causas de erros dignas de consideração: (i) estratégia de ensino/aprendizagem; (ii) dificuldades intralinguais, as quais decorrem internamente do sistema da própria língua; (iii) interferência da L1/Língua Materna, que é o caso dos alunos chineses no nosso presente trabalho. A última será abordada exclusivamente na secção seguinte. Note-se que a categorização de erros é, muitas vezes, problemática, salienta Magro (1979, p.128), “as fontes às vezes se confundem, podendo-se, com frequência, atribuir determinado erro a mais de uma causa”.

3.1.1 Problemas comuns em relação às palavras relativas

No capítulo anterior, apresentamos através dos gráficos, as respostas dos inquiridos a todas as perguntas do inquérito. Resumindo os resultados, os problemas mais comuns dos os alunos chineses e portugueses em relação às palavras relativas distribuem-se pelos seguintes aspetos:

(i) Confusão entre o pronome relativo e o advérbio relativo no contexto locativo ou temporal, isto é, quando o antecedente denota o sentido de local ou tempo, muitos confundem “onde” “quando” com “que”, ignorando o facto de que o advérbio relativo não pode ter a função de sujeito ou complemento direto pela sua natureza adverbial.

Alguns erros dos alunos:

- a. *O tanque onde enchi com petróleo explodiu. (Exemplo de erros do Exercício 1.1)
- b. *O tanque em que enchi com petróleo explodiu. (Exemplo de erros do Exercício 1.1)
- c. *O ano quando o presidente visitou Lisboa foi excelente para as colheitas. (Exemplo de erros do Exercício 1.3)
- d. *O ano que o presidente visitou Lisboa foi excelente para as colheitas. (Exemplo de erros do Exercício 1.3)
- e. *Eu não sei a idade quando ele começou a trabalhar. (Exemplo de erros do Exercício 1.6)

(ii) Falta de noção do pronome relativo “o que”: a maioria dos alunos inquiridos, quer chineses quer portugueses, não conheciam bem o uso de “o que” nas orações relativas de frase, bem como nas com o antecedente quantificador “tudo/todo(s)/toda(s)”. Por exemplo, para a frase do Exercício 1.5, muitos achavam que se usava “que” ou até outras palavras não relativas.

Alguns erros dos alunos:

- a. *O Pedro nunca criticava os filhos, que os incentivava. (Exemplo de erros do Exercício 1.5)
- b. *O Pedro nunca criticava os filhos, o qual os incentivava. (Exemplo de erros do Exercício 1.5)
- c. *O Pedro nunca criticava os filhos, porém/mas os incentivava. (Exemplo de erros do Exercício 1.5)
- d. *Todos que viram o texto passaram no exame. (Exemplo de erros do Exercício 1.5)

(iii) utilização incorreta de preposição. Nos exercícios em que a palavra relativa precisa de ser preposicionada, muitos alunos, especialmente chineses, escolheram a palavra relativa correta mas a preposição errada.

Alguns erros dos alunos:

- a. *Eu não sei a idade a que ele começou a trabalhar.

- a. *Eu não sei a idade de que ele começou a trabalhar. (Exemplo de erros do Exercício 1.6)
(Exemplo de erros do Exercício 1.6)

(iv) Uso de “o qual” como sujeito ou complemento direto nas orações relativas restritivas: muitos não sabiam que “o qual” não podia ter a função de sujeito ou complemento direto nas orações relativas restritivas.

Alguns erros dos alunos:

- a. *Os alunos os quais fizeram o trabalho podem obter o diploma. (Exemplo de erros do Exercício 1.2)

(v) Uso de “quem” como sujeito ou complemento direto nas orações relativas com antecedente explícito: muitos não sabiam que “quem” não podia funcionar como sujeito ou complemento direto nas orações relativas com antecedente explícito. A maioria também não conhecia a regra de que “quem” não pode ser precedido de “sem”, a qual é menos comum.

Alguns erros dos alunos:

- a. *Os alunos quem fizeram o trabalho podem obter o diploma. (Exemplo de erros do Exercício 1.2)
b. *A rapariga quem me deu o livro estuda chinês há dois anos. (Exemplo de erros do Exercício 1.4)
c. *Todos quem viram o texto passaram no exame. (Exemplo de erros do Exercício 1.9)
d. *A Mariana, quem nasceu em Aveiro, vai a Lisboa todos os meses. (Exemplo de erros do Exercício 1.10)
e. *Ela é a pessoa sem quem ele não vive. (Exemplo de erros do Exercício 1.8)

(vi) Falta de conhecimento do pronome relativo “quanto”, o qual é relativamente menos usado. Na frase do Exercício 1.9 “todos que viram o texto passaram no exame”, todos os alunos que tiveram a resposta certa substituíram “que” por “os que”, enquanto nenhum deles escolheram “quanto” como a substituição. Isto não é um erro, mas pode refletir o facto de se tratar de um pronome relativo mais “afastado” pelos alunos. É compreensível que prefiram aquele que conhecem melhor no uso.

Aqui se segue um gráfico que mostra no geral a percentagem das respostas certas de cada pergunta do Exercício 1 e 2:

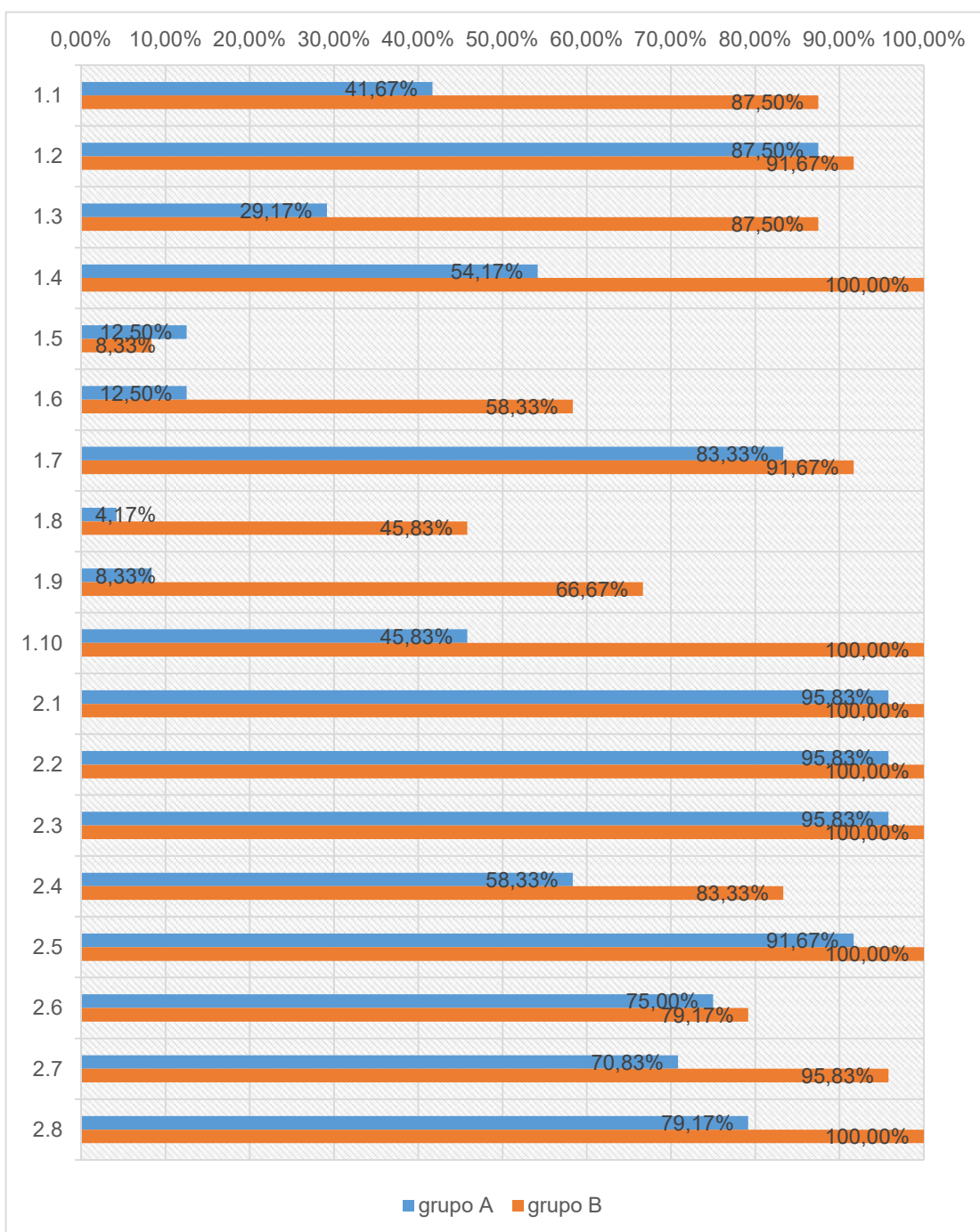


Gráfico 36 – Apresentação geral da percentagem das respostas certas

Ao observar o Gráfico 36, ainda que a percentagem de acertos dos alunos portugueses seja mais alta do que os alunos chineses, o que é óbvio, as perguntas que erraram mais são semelhantes entre os dois grupos.

3.1.2 Dificuldades comuns no processamento das orações relativas

Avaliamos, no inquérito, dois tipos de dificuldades decorrentes do processamento das orações relativas que se discutem no primeiro capítulo: o tipo de encaixe e a alteração da ordem canónica (o efeito de “foco”).

No exercício 2, colocamos oito orações relativas nas quais as palavras relativas desempenham funções sintáticas diferentes. Segundo os resultados do inquérito, os alunos erraram mais quando a palavra relativa funciona como adjunto adnominal, complemento nominal, agente de passiva ou adjunto adverbial na oração relativa, pois nestes casos a estrutura frásica é mais complicada e há maior alteração da ordem canónica, o que constitui maiores dificuldades na compreensão. Em termos da classificação do nível da dificuldade pelos alunos para cada pergunta, o Exercício 2.4 é aquele que classificavam como o mais difícil, em que a palavra relativa tem a função de adjunto adnominal, seguido pelos Exercícios 2.6 e 2.7, nos quais a palavra relativa funciona respetivamente como complemento nominal e agente de passiva. Quando a palavra relativa tem a função de sujeito e complemento direto, houve mais inquiridos que acertaram os exercícios, sendo considerados mais fáceis. Os resultados provaram a influência da alteração da ordem canónica no processamento das orações relativas.

O seguinte Gráfico 37 indica o resultado geral do Exercício 3, em que se solicita a escolha da frase considerada mais difícil. Observando o gráfico, a interferência do tipo de encaixe parecia maior para os alunos portugueses do que para os alunos chineses, pois, para os aprendentes da língua estrangeira, podia haver outros fatores intervenientes ao mesmo tempo, como os fatores lexicais por exemplo. Quando a palavra relativa tem a função de sujeito, sem alteração na ordem canónica das palavras da frase, 66,67% dos alunos portugueses achavam que a frase com a oração relativa encaixada ao centro era mais difícil do que a encaixada à direita, ao passo que apenas a metade dos alunos chineses achavam a mesma mais difícil. Quando a palavra relativa tem a função de complemento direto, caso em que há uma alteração ligeira da ordem canónica, 62,5% dos alunos chineses achavam aquela com a oração relativa encaixada ao centro mais difícil; a situação foi a mesma com os alunos portugueses. Isto quer dizer que, com o efeito de “foco”, a dificuldade acerca do tipo de encaixe encontra-se mais evidente.

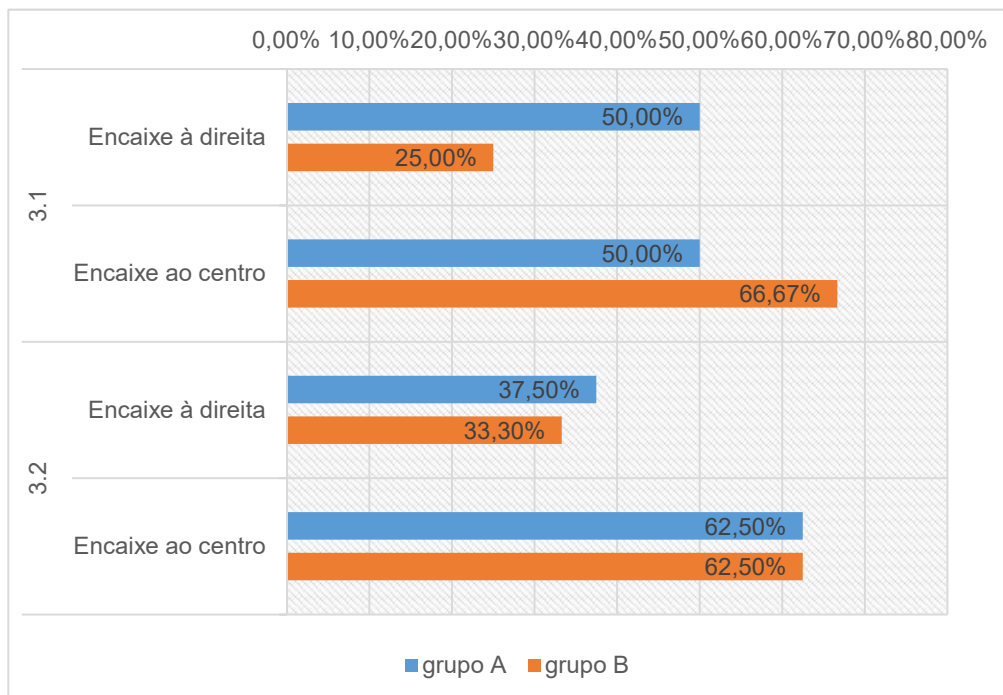


Gráfico 37 – Apresentação geral dos resultados do Exercício 3

3.2 Interferências da Língua Chinesa que dificultam a aprendizagem das orações relativas de Português por alunos chineses

Os aprendentes de uma língua estrangeira nunca conseguem fugir da influência da língua materna, com o sistema desta bem interiorizado nas suas mentes. No processo de aprendizagem, é frequente a comparação entre a língua estrangeira e a nossa língua materna. Quantas mais semelhanças existem entre as duas, mais facilidades temos, pois já estamos habituados, desde o primeiro contacto com o mundo, à forma de pensar e falar na língua materna, como Torre (1985, p. 125) explica:

Onde os sistemas contrastados apresentam semelhanças, o aprendizado da segunda língua será mais fácil e onde forem detectadas diferenças ocorrerão erros, pois em se tratando de áreas de difícil manipulação, os alunos tenderão a usar formas da LM para suprir a insuficiência de suas habilidades até que consigam dominá-las por completo. Este efeito, decorrente do sistema da LM agindo sobre o da LE se chama interferência [...] considerando-se que quantos mais distintos os aspetos estudados nos dois sistemas linguísticos maior a dificuldade encontrada pelo aluno [...]

Portanto, a fim de detetar melhor as dificuldades dos alunos chineses relacionadas com a língua materna, necessita-se uma análise contrastiva entre a Língua Portuguesa e a

Língua Chinesa. “O método contrastivo é uma base extremamente valiosa para o Ensino de Línguas Estrangeiras, pois muitas das dificuldades na aprendizagem de uma segunda língua se devem ao facto de que esta difere da língua materna do aprendiz” (Mackey, 1965 como citado em Torre, 1985, p. 125).

Será discutido, a seguir, como funciona o equivalente à subordinação relativa em Chinês, de modo a refletir as suas interferências em dois aspetos: palavras relativas e a estrutura e compreensão da frase.

3.2.1 Língua Chinesa

Sendo a língua mais falada no mundo e uma das línguas de trabalho das Nações Unidas, a Língua Chinesa pertence a família sino-tibetana. É a língua oficial da República Popular da China, a língua materna dos nossos inquiridos chineses, falada também em Singapura, Malásia e alguns outros países asiáticos⁴ (ver Figura 2).

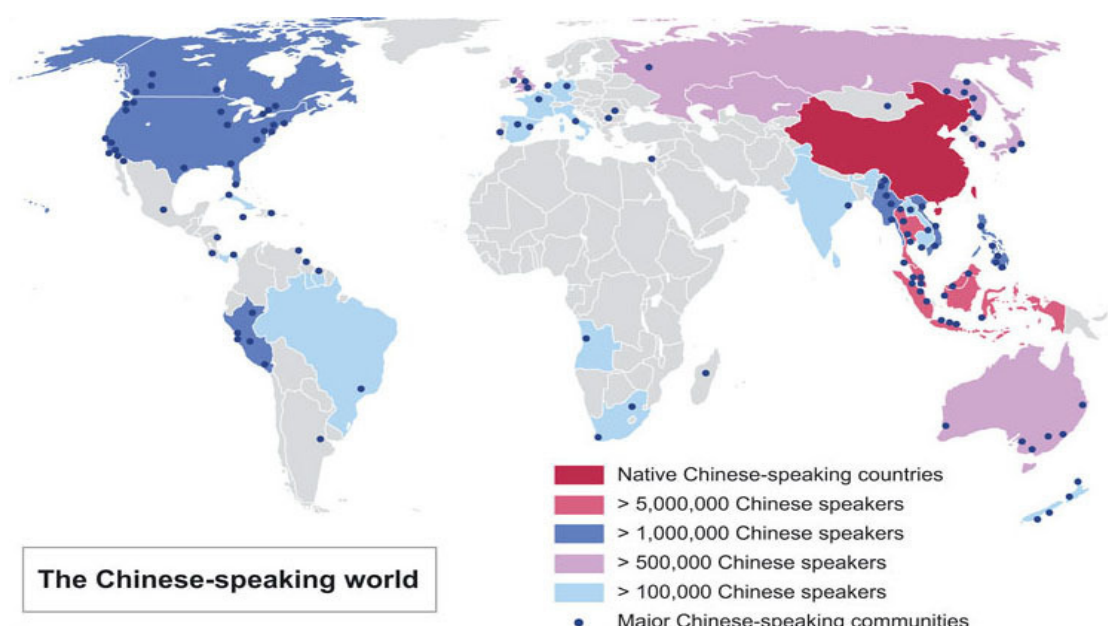


Figura 2 – Mapa da distribuição dos falantes da Língua Chinesa

Fonte: <http://www.open.edu/openlearn/languages/chinese/beginners-chinese/content-section-1>

Existem várias variantes linguísticas na China que podem ser subdivididas em dialetos. O Mandarim, adaptado da pronúncia do dialeto de Pequim, é designado como o Chinês

⁴ In: <http://www.open.edu/openlearn/languages/chinese/beginners-chinese/content-section-1> (accedido em 20-01-2018).

padrão e ensinado na escola.

O sistema gramatical do Chinês apresenta imensas diferenças em comparação com aquele do Português. Em vez de letras, o Chinês escreve-se em caracteres. “Marcando diferença das línguas românicas, os caracteres só transmitem significados e não existe correspondência entre grafema e fonema, o que causa imensas dificuldades na comunicação entre os chineses e outros povos” (Mai, 2006, p. 51). A fim de facilitar e normalizar a leitura dos caracteres em Mandarim, foi inventado o sistema da transcrição fonética dos caracteres no século XX, o chamado “pinyin”, que utilizaremos nos exemplos da secção seguinte para indicar a forma como se leem as frases em Mandarim. Em termos lexicais e sintáticos, de acordo com Mai (2006, p. 52):

Na Língua Chinesa, as palavras podem ser compostas por um só carácter (monossilábicas), ou por dois caracteres (dissilábicas) e mais de dois caracteres (polissilábicas). [...]

As frases em Chinês são divididas em Frases Simples e Frases Complexas e existem seis elementos para a sua formação: sujeito, predicado, objecto, adjunto adnominal, adjunto adverbial e complemento. [...]

Estas características, tão distintas das da Língua Portuguesa, constituem a causa principal dos erros comuns que os alunos chineses cometem quando aprendem a Língua Portuguesa.

Outra distinção significativa é que “em mandarim, não há flexão, nem em género, nem em número, nem em modo, nem em tempo, nem em voz; as noções correspondentes são transmitidas por outros elementos adicionados” (Mai, 2006, p. 52). Portanto, as palavras relativas morfologicamente variáveis, nomeadamente “o qual”, “cujo” e “quanto”, não seriam fáceis para os alunos chineses desde o início.

Logo discutimos as diferenças mais notáveis entre as duas línguas e como essas originam alguns erros dos alunos chineses em relação à subordinação relativa.

3.2.2 Interferências na aprendizagem das palavras relativas

As estruturas gramaticais em Chinês que correspondem às orações relativas são diversas. Em Chinês, não há palavras relativas (Mai, 2012, p. 210), as quais se consideram essenciais e indispensáveis na subordinação relativa da Língua Portuguesa. No entanto, há várias formas correspondentes para exprimir o mesmo sentido, de acordo com Mai (2006, p. 94):

Teoricamente, podemos sempre transformar uma oração relativa adjetiva em Português numa locução em Chinês apresentado as mesmas ideias. Tal locução

desempenha o papel de adjunto adnominal, anteposta ao substantivo que determina. E a ligação entre a locução e o substantivo é feita através da partícula “的^{de}”. Mas na prática, quando o conteúdo da locução é relativamente abundante, pela consideração do equilíbrio da oração e da facilitação da compreensão, não se usa a locução como adjunto adnominal, mas costuma-se introduzir outras orações simples ou coordenadas a fim de o explicar.

Mais concretamente, para as orações relativas introduzidas com os pronomes relativos “que”, “(de/com...) quem”, “o qual”, “onde”, geralmente se usa a partícula estrutural “的^{de}” (Part.STRU.ad.adn.), junto com o adjunto adnominal, anteposta ao substantivo que modifica (Mai, Pereira & Morais, p. 170).

Por exemplo (sublinha-se o adjunto adnominal da frase em chinês e a oração relativa da frase em português, coloca-se o substantivo/antecedente em **negrito**):

(49) a. *pronome relativo “que”:*

CH: 做完作业的**同学**能获得文凭。

PY: Zuò wán zuòyè de **tóngxué** néng huòdé wénpíng.

TL: Fazer trabalho Part.STRU.ad.adn. **alunos** podem obter o diploma.

PT: Os **alunos** que acabaram o trabalho podem obter o diploma.

b. *pronome relativo “quem” / “o qual”:*

CH: 和我一起去里斯本的**男孩**是中国人。

PY: Hé wǒ yìqǐ qù Lǐsībēn de **nánhái** shì zhōngguó rén.

TL: Comigo ir a Lisboa Part.STRU.ad.adn. **rapaz** é chinês.

PT: O **rapaz** com quem fui a Lisboa é chinês.

c. *advérbio relativo “onde”:*

CH: 北京是一个有很多机会的**城市**。

PY: Běijīng shì yí gè yǒu hěnduō jīhuì de **chéngshì**.

TL: Pequim é uma haver muitas oportunidades Part.STRU.ad.adn. **cidade**.

PT: Pequim é uma **cidade** onde há muitas oportunidades.

Podemos resumir, mediante os exemplos, a primeira forma correspondente às orações relativas em Português: “adjunto adnominal + 的^{de} (Part.STRU.ad.adn.) + substantivo”.

Todas essas frases em chinês não possuem palavras relativas, em contrapartida, a partícula estrutural “的^{de}” serve como a ligação entre o adjunto adnominal e o substantivo que especifica.

Os resultados do inquérito revelam que na parte das palavras relativas, a diferença entre o desempenho dos alunos chineses e o dos alunos portugueses é muito grande. Obviamente essa ausência das palavras relativas no sistema da gramática chinesa logo introduziu problemas aos alunos chineses, dificultando-lhes a escolha e o emprego das palavras relativas, pois têm de memorizar e saber utilizar as regras gramaticais sem nenhuma

referência análoga na língua materna. Por essa falta inevitável da noção das palavras relativas, muitos escolhem a palavra relativa de acordo com o significado ou contexto da frase, em vez da estrutura gramatical, dando origem a erros como “o ano quando o presidente visitou...” (Exercício 1.3), “a idade quando ele começou a trabalhar... (Exercício 1.6)”, “a rapariga quem me deu... (Exercício 1.4)”, etc. Por exemplo, os antecedentes que denotam alguma pessoa como “a rapariga”, muitas vezes fazem com que os alunos escolham a palavra relativa com traço semântico [+ humano] “quem” sem analisar a estrutura da frase e sem ter em consideração as regras do emprego das palavras relativas.

Também se introduziu a confusão entre os pronomes relativos como “que” e os advérbios relativos como “onde”, pois em chinês, como mencionado antes, utiliza-se a partícula estrutural “的^{de}” para ambos os casos nas orações relativas de nome. Por exemplo, nas seguintes frases (50a) e (50b), a estrutura é a mesma em chinês, ao passo que em português se usam palavras relativas diferentes pela diferença da função sintática que a oração relativa tem na oração principal.

(50) a. *que*
 CH: 我参观的房子
 PY: wǒ cānguān de fángzi
 TL: eu visitar Part.estru.ad.adn casa
 PT: a casa que eu visitei

b. *onde*
 CH: 我工作的餐馆
 PY: wǒ gōngzuò de cānguǎn
 TL: eu trabalhar Part.estru.ad.adn restaurante
 PT: o restaurante onde eu trabalho

Ainda mais, em português, a palavra relativa é, quando necessário, precedida de uma preposição. E muitas vezes, como se conclui na secção anterior, os alunos não erram a palavra relativa, mas sim a preposição, a qual em chinês, nem sempre é precisa (cf. (51)) e ainda se usa a estrutura de “adjunto adnominal + 的^{de} (Part.estru.ad.adn.) + substantivo”.

(51) CH: 我不知道他开始工作的年龄。
 PY: Wǒ bù zhīdào tā kāishǐ gōngzuò de niánlíng.
 TL: Eu não sei ele começar a trabalhar Part.estru.ad.adn idade.
 PT: Eu não sei a idade com que ele começou a trabalhar.

Por exemplo, nenhum dos alunos chineses teve a resposta certa no exercício 1.6 do inquérito:

Eu não sei a idade que ele começou a trabalhar.
 está certo deveria ser substituído por com que

Alguns inquiridos sabem que o pronome relativo “que” devia ser preposicionado, mas substituíram-no por “a que”, “de que” ou até “quando”.

3.2.3 Interferências na compreensão da frase

Os resultados do inquérito indicam que a maioria dos alunos chineses acham que a estrutura e compreensão da frase é mais difícil do que a escolha das palavras relativas na aprendizagem das orações relativas. A seguir examinamos como a Língua Chinesa lhes acrescenta a dificuldade na compreensão das orações relativas em Português.

3.2.3.1 diferenças na ordem dos constituintes nas frases relativas

A oração relativa modifica e especifica o antecedente, o qual pode ser um nome ou um grupo nominal, tendo uma função semelhante a um adjunto adnominal em relação ao seu antecedente. Como, em chinês, o adjunto adnominal costuma preceder o nome ou o grupo nominal que o modifica, “a oração relativa (o adjunto adnominal)” geralmente fica antes do “antecedente (substantivo)” e os dois são ligados pela partícula estrutural “的^{de}”, como se explica na secção anterior com os exemplos.

No entanto, em português, nas orações relativas com antecedente explícito, a oração relativa encontra-se geralmente depois do antecedente, apresentando uma ordem contrária àquela consagrada em chinês, ou seja, não coincide com o que é habitual na produção das orações relativas na língua materna dos alunos chineses. Essas diferenças na ordem frásica dificultam a compreensão, especialmente quando o conteúdo da oração relativa é relativamente abundante.

3.2.3.2 complexidade da estrutura frásica

Em chinês, são mais usadas as frases simples e curtas em vez das frases complexas e compridas. Portanto, “todavia, na prática, se a significação do adjunto adnominal precisar de

muitas palavras para expressar⁵, é mais comum usar várias frases simples ou orações coordenadas para facilitar a compreensão” (Mai, Pereira & Morais, p. 171). Por exemplo, com o mesmo significado, as frases de (52a) são complexas enquanto as frases de (52b) são simples. Em Português, a frase relativa de (52a) é perfeitamente correta e muito comum. Mas em chinês, ainda que a frase complexa de (52a) não seja gramaticalmente errada, os falantes nativos não costumam dizer dessa forma; em contrapartida, utilizam duas frases simples para exprimir a mesma ideia, como se ilustra em (52b).

(52) a.

CH: 我学习和交了很多朋友的学校现在正在装修。

PY: Wǒ xuéxí hé jiāole hěnduō péngyǒu de xuéxiào xiànzài zhèngzài zhuāngxiū

TL: Eu estudar e fazer muitos amigos Part.estru.ad.adn **escola** agora está em obras

PT: A **escola** onde estudei e fiz muitos amigos agora está em obras

b.

CH: 学校现在正在装修。我在那里学习并交了很多朋友。

PY: Xuéxiào xiànzài zhèngzài zhuāngxiū. Wǒ zài nàlǐ xuéxí bìng jiāole hěnduō péngyǒu.

TL: Escola agora está em obras. Eu em lá estudei e fiz muitos amigos.

PT: A escola agora está em obras. Estudei e fiz muitos amigos lá.

Também para algumas palavras relativas, em Chinês, é mais comum o uso de várias frases simples ou orações coordenadas ao invés da forma de “adjunto adnominal + 的^{de} (Part.estru.ad.adn.) + substantivo”, de acordo com Mai, Pereira & Morais (p. 171), “as formas correspondentes a orações subordinadas introduzidas por *o que, dos/das quais, e cujo* normalmente são novas orações iniciadas com sujeitos ou outras informações acrescentadas”, como se apresenta na Tabela 2:

Palavras relativas em Português	Formas mais comuns em Chinês
o que...	这 zhè / 那 nà <i>isto / aquilo...</i>
dos/das quais... entre os/as quais...	他们中 tāmen zhōng / 她们中 tāmen zhōng / 它们中 tāmen zhōng + Suj. <i>entre eles(as) ...</i>
	其中 qízhōng + Suj. <i>entre eles(as) ...</i>
cujo(s)/cuja(s)...	他的 tā de / 她的 tā de / 它的 tā de + Suj.

⁵ É difícil quantificar o número de palavras por causa de variações estilísticas.

	... <i>dele/a</i>
	他们的 tāmen de / 她们的 tāmen de / 它们的 tāmen de + Suj. <i>deles/as</i>

Tabela 2 – formas correspondentes de algumas palavras relativas em Chinês
(Tabela baseada em Mai, Pereira & Morais, p. 171)

Por exemplo:

(53) a. *o que*

CH: 佩德罗从不批评孩子, **这**鼓舞了他们。

PY: Pèidélúo cóng bù pīpíng háizi, **zhè** gǔwǔ le tāmen.

TL: Pedro nunca criticava os filhos. **Isto** incentivava-os.

PT: O Pedro nunca criticava os filhos, **o que** os incentivava.

b. *dos/das quais*

CH: 我们大学有很多中国学生, **他们中/其中**有些人有奖学金。

PY: Wǒmen dàxué yǒu hěnduō zhōngguó xuéshēng, **tāmen zhōng/qízhōng** yǒuxiē rén yǒu jiǎngxuéjīn.

TL: Nossa universidade tem muitos alunos chineses, **entre eles** alguns têm bolsa de estudo.

PT: A nossa universidade tem muitos alunos chineses, alguns **dos quais** têm bolsa de estudo.

c. *cujos*

CH: 卡蒙斯是一个伟大的作家, **他的**作品被翻译成很多语言。

PY: Kǎméngsī shì yí gè wěidà de zuòjiā, **tā de** zuòpǐn bèi fānyì chéng hěnduō yǔyán.

TL: Camões é um grande escritor, as obras **dele** foram traduzidas para várias línguas.

PT: Camões é um grande escritor **cujas** obras foram traduzidas para várias línguas.

Sendo assim, os alunos chineses geralmente estão mais habituados às frases simples ou coordenadas do que às frases subordinadas. Quando deparam com as orações relativas de frase, muitos alunos cometem erros, ou por não conhecerem bem a locução relativa “o que”, ou pela dificuldade na compreensão desse tipo de oração relativa com uma estrutura relativamente mais complexa. Por exemplo, apenas 12,5% dos inquiridos chineses acertaram no Exercício 1.5:

O Pedro nunca criticava os filhos, que os incentivava.

está correto deveria ser substituído por _____ **o que** _____

41,67% deles escolheram a opção “está correto”, ou seja, podiam não saber que se utiliza “o que” para as orações relativas de frase. Além disso, ainda há outras repostas irrelevantes a “palavra relativa”: “mas/porém”, “porque”, “incentivava-os”, entre outras. Os alunos que deram estas respostas nem sequer consideravam a frase como uma oração relativa, mas pensavam numa oração coordenada, o que pode, em parte, resultar da influência da Língua Chinesa, pois nesta tende-se a usar frases simples e coordenadas para o caso. Curiosamente,

os inquiridos portugueses não tiveram melhor desempenho do que os alunos chineses neste exercício. As orações relativas de frase também induzem uma dificuldade considerável aos nativos por serem relativamente menos usadas no quotidiano.

É ainda por essa diferença que muitos alunos chineses têm mais dificuldades nas orações relativas introduzidas por constituintes relativos mais complexos como “entre os quais”, “sobre o qual”, “através do qual” etc., ou por “cujo”, devido à maior complexidade da estrutura da frase.

3.3 Análise da diferença do desempenho no inquérito entre os alunos chineses e portugueses

Com o objetivo de verificar se há diferença de desempenho entre os aprendentes nativos e estrangeiros em relação às orações relativas, optamos por dois grupos (24 alunos chineses e 24 alunos portugueses) como o público-alvo do nosso inquérito. Com base nos resultados, elaboramos um gráfico que mostra no geral a percentagem dos certos em média de cada grupo:

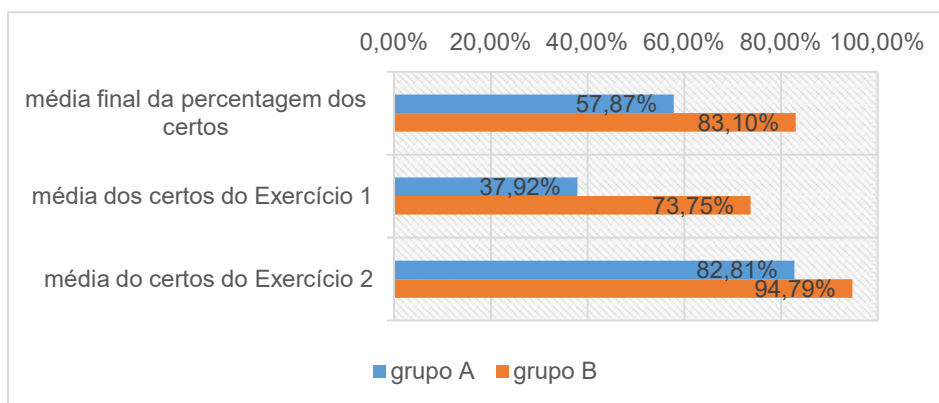


Gráfico 38 – Percentagem dos acertos em média

Segundo o Gráfico 38, o grupo A teve 57,87% em média de respostas certas no inquérito, enquanto o grupo B teve 83,10%. Esta diferença, embora não seja muito grande, também não é pequena. Os inquiridos portugueses, como nativos, tiveram um desempenho obviamente melhor do que os inquiridos chineses.

No Exercício 1, que avalia o emprego das palavras relativas, apresenta-se uma diferença muito acentuada entre os dois grupos: os alunos portugueses tiveram uma média de 73,75%

de acertos, ao passo que os alunos chineses tiveram somente 37,92%. É evidente que os aprendentes chineses, devido à falta das palavras relativas no sistema da própria língua materna, apresentaram muito maior dificuldade na aprendizagem das palavras relativas. Ao rever o Gráfico 34, no qual se mostra detalhadamente o desempenho dos alunos em cada pergunta, constatamos que aqueles que apresentam relativamente maior diferença são os Exercícios 1.1, 1.3, 1.4, 1.6, 1.8, 1.9 e 1.10. A maioria destes exercícios (1.1, 1.3, 1.4, 1.6 1.10) tem a ver com o emprego dos advérbios relativos e as palavras relativas com traços semânticos como “onde” e “quem”. Isso afere a interferência da língua materna nos alunos chineses que explicamos na secção anterior: muitos confundem o pronome relativo “que” com os advérbios relativos, ou escolhem a palavra relativa conforme o contexto semântico sem analisar a estrutura frásica, ignorando as regras específicas, como é o caso do mau uso das palavras relativas com traços semânticos. Contudo, os alunos nativos do Português não apresentam tantas dificuldades nessa questão, por terem contacto com as palavras relativas e as suas regras desde pequenos.

O Exercício 1.8 avalia uma regra relativamente menos comum do pronome relativo “quem”: quando “quem” é precedido da preposição “sem”, usa-se “a qual” para evitar a dissonância de “sem” e “quem” (cf. Cap. 1.4.3.3). Para os alunos chineses, esta regra pode ser muito mais difícil pois com apenas 3 ou 4 anos de estudo, provavelmente muitos não sabem desta regra que nem todos os livros gramaticais citam. Ainda que os alunos portugueses dominem intuitivamente melhor a regra, alguns deles também erraram.

O Exercício 1.9 avalia o emprego de “o que”, “quanto”, quando estes têm como antecedente o pronome indefinido “todos”. As dificuldades dos alunos chineses podem derivar de dois aspetos: (i) “o que” e “quanto” variam em género e número nesse caso, porém em Chinês não há essa flexão das palavras; (ii) “o que” e “quanto” são ambos pronomes relativos relativamente menos usados em comparação com “que”, “o qual”, portanto, muitos não conhecem bem o emprego destes dois e optaram pelo pronome relativo universal “que”, conduzindo ao erro de “todos que...”. No entanto, nenhum dos inquiridos escolheu “quanto” neste exercício.

Ambos os dois grupos tiveram a média mais baixa de acertos no Exercício 1.6, o que nos alerta para darmos mais atenção à oração relativa de frase e ao uso da locução relativa “o que”.

No Exercício 2, a diferença entre os dois grupos foi ligeiramente menor e ambos

tiveram melhor desempenho em comparação com o do Exercício 1: os alunos chineses tiveram uma média de 82,81% de respostas certas e os alunos portugueses tiveram uma média de 94,79%. Aqueles que manifestam uma maior diferença entre os dois grupos são os Exercícios 2.4, 2.6, 2.7 e 2.8, nos quais as palavras relativas funcionam respetivamente como adjunto adnominal, complemento nominal, agente de passiva e adjunto adverbial. Evidencia-se novamente a influência da Língua Chinesa na compreensão da frase, pois quando a palavra relativa possui essas funções sintáticas, a estrutura frásica é geralmente mais complexa e simultaneamente há maior alteração da ordem canónica da frase. Como em Chinês se costuma usar várias frases simples ou coordenadas para esses casos, os alunos chineses tendem a ter mais dificuldades perante a estrutura frásica bem mais complicada do que a correspondente na língua materna. Os alunos portugueses, muito mais habituados a essa forma de construção das orações relativas em Português, apresentam menos dificuldades.

Na primeira parte do inquérito, há uma pergunta em que se escolhia a parte mais difícil na aprendizagem das orações relativas, se é a escolha da palavra relativa adequada ou a compreensão da frase. A maioria dos inquiridos consideravam a compreensão da frase como a mais difícil (grupo A: 75%, grupo B: 50%). No entanto, ambos os dois grupos tiveram melhores resultados no exercício da compreensão da frase em vez do emprego da palavra relativa, especialmente os alunos chineses, 75% dos quais achavam a escolha da palavra relativa mais fácil, tiveram apenas 37,92% de acertos em média nesta parte. Isto revela-nos que muitos dos alunos talvez não prestem atenção à aprendizagem das palavras relativas, ou seja, têm pouca consciência das suas dificuldades na aprendizagem nas palavras relativas. Os inquiridos pensavam que dominavam as palavras relativas melhor do que a compreensão da palavra relativa, pois parece que a aprendizagem das palavras relativas está mais ligada ao ato de decorar regras “rígidas” e “entediantes”, mas no fundo, também exige uma boa competência de análise e compreensão da estrutura frásica.

Há mais alunos do grupo A que acham as orações relativas difíceis do que no grupo B; segundo os dados da primeira parte do inquérito, 33,33% dos alunos chineses achava-as difíceis enquanto apenas 4,17% dos alunos portugueses concordavam. De facto, os nossos resultados confirmam que as orações relativas constituem muito maior dificuldade para os aprendentes chineses do que para os nativos.

Conclusão

No presente trabalho, apresentamos e analisamos os principais problemas e dificuldades dos alunos chineses e portugueses na aprendizagem da subordinação relativa da Língua Portuguesa, a qual constitui uma parte importante, mas difícil, na gramática portuguesa, decorrente da complexidade da sua estrutura e regras, bem como a diferença significativa em comparação com a estratégia correspondente na Língua Chinesa. Para atingir o nosso objetivo, o trabalho processou-se em três passos:

Primeiro, abordamos o fundamento teórico das orações relativas do Português, mais precisamente, as noções acerca da subordinação relativa – como esta se processa e as suas propriedades gerais, as regras do emprego das palavras relativas, e as possíveis dificuldades em termos da compreensão da frase, como referências para a identificação e o diagnóstico dos desvios e erros dos alunos no inquérito. Nesse sentido, a fim de concretizar o segundo passo, realizamos um inquérito a 24 alunos portugueses e 24 alunos chineses que estudavam a Língua Portuguesa na universidade da China. O inquérito destina-se a tomar o conhecimento das dificuldades que sentiam na aprendizagem das orações relativas, respetivamente em relação ao uso das palavras relativas e à compreensão global da frase.

Em segundo lugar, baseando-nos nos resultados do inquérito, apresentamos pormenorizadamente as respostas dos inquiridos a todas as perguntas, comparando as médias obtidas e utilizando gráficos para se observar os resultados de forma mais clara. Resumimos dessa maneira, os erros mais comuns dos inquiridos portugueses e chineses, alguns dos quais são muito semelhantes entre os dois grupos mesmo que sejam de origem completamente diferente. Há certas regras esquecidas por ambos os grupos como, por exemplo, o uso das palavras relativas “o que”, “quanto”, as quais se afiguram menos comuns no nosso dia-a-dia. Verifica-se que a alteração da ordem canónica das palavras na frase e o tipo de encaixe interferem no processo de compreensão das frases relativas, e quando os dois casos coincidem, maior é a dificuldade. Essa influência é mais evidenciada nos alunos nativos. Podemos, talvez, explicar este fenómeno uma vez que os alunos chineses, não tendo esta estrutura na sua língua materna, aprendem, com o mesmo grau de atenção, todas as regras concernentes às relativas em português, independentemente de serem mais ou menos utilizadas pelos falantes nativos.

É lógico que os alunos portugueses, por serem nativos, dominam melhor as orações

relativas do que os alunos chineses, mas a distinção do desempenho entre os dois grupos ainda foi maior do que a nossa expectativa. Primeiro, a estrutura complexa da subordinação já determina que esse tópico gramatical nunca seria fácil para os aprendentes da língua pois nas frases subordinadas, não só as palavras se encadeiam mas também as orações. Outro interveniente crucial reside na grande diferença dessa matéria de Português em comparação com a forma correspondente em Chinês, a qual constitui obviamente uma barreira desafiante para os alunos chineses. De modo a justificar essa diferença do desempenho e detetar as causas dos erros dos alunos chineses, examinamos a seguir as teorias gramaticais na Língua Chinesa. Nesta língua, o significado que em português é veiculado pela oração relativa é exposto de uma maneira totalmente distinta: ausência de palavras relativas e utilização de frases simples e coordenadas.

Por último, a análise dos motivos dos erros e a reflexão sobre as dificuldades dos alunos permitem-nos obter algumas pistas de análise, que podem de certa forma, auxiliar o ensino e aprendizagem dessa matéria no futuro.

Para os alunos portugueses, embora contem com um conhecimento relativamente integral das orações relativas, convém ainda aprenderem sistematicamente as regras do emprego das palavras relativas para preencher as lacunas de conhecimento.

Para os aprendentes chineses, aqui se apresentam várias sugestões que podem ajudar a ultrapassar algumas dificuldades:

(i) É aconselhável que os alunos chineses tenham mais consciência da importância das palavras relativas, porque estas não existem na sua Língua Materna e merecem muita atenção e esforço. Além de compreenderem bem as regras do uso das palavras relativas, convém ganharem o hábito de analisar sempre a estrutura da frase para evitar ao máximo as interferências da Língua Chinesa. Assim, ao conhecerem as funções sintáticas dos constituintes e a estrutura da frase, conseguirão aplicar as regras com mais facilidades, minimizando também a perturbação do significado e contexto.

(ii) Quando aprendem as regras, os alunos podem fazer mais exercícios sobre a escolha das palavras relativas e treinar a construção das frases relativas, assim se combinando a teoria com a prática.

(iii) A leitura é uma forma muito eficaz para melhorar a capacidade de compreensão e cultivar o hábito de pensar como os nativos. Devido à sua complexidade estrutural, a subordinação geralmente é mais utilizada na escrita do que na oralidade. Recomendamos,

portanto, que os alunos façam mais leituras em Português e, melhor ainda, vão treinando também a escrita utilizando as orações relativas na elaboração de textos.

O nosso trabalho aponta ainda algumas considerações para os professores de PLE respeitantes ao ensino da subordinação relativa a aprendentes chineses:

(i) Aconselha-se que expliquem sistematicamente a noção e o uso das palavras relativas para que os alunos se apercebam das suas funções e sentido, pois este, para os alunos chineses, é um conceito totalmente novo. Podem fazer mais exercícios ou testes com os alunos, para conhecerem os problemas particulares e os elos mais fracos, utilizando vários tipos de exercícios. Convém prestarem mais atenção a algumas regras menos comuns, visto que são mais fáceis de se esquecer.

(ii) É desejável que os professores reparem na diferença nesse tópico gramatical entre Português e Chinês, assim ficando a saber as dificuldades particulares dos alunos chineses e pondo em ênfase aquelas questões com que os alunos têm mais problemas. Para os professores chineses, será útil fazerem exercícios de tradução com os alunos. Ao traduzirem as frases relativas de Português para Chinês ou de Chinês para Português, os alunos vão percebendo a diferença entre os dois sistemas nessa matéria, bem como treinam a transferência de pensamento entre as duas línguas.

Enfim, de qualquer forma, o nosso trabalho visa sempre contribuir o mais possível para a melhoria do ensino de Português aos alunos portugueses e principalmente aos estrangeiros, e diminuir as dificuldades dos alunos na aprendizagem. O texto termina aqui mas a pesquisa nunca, as reflexões e considerações vão-se renovando com todas as ideias e sugestões que possam surgir a propósito deste tópico gramatical.

Bibliografia

- Bechara, E. (2003). *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- Bechara, E. (2002). *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- Cintra, L. & Cunha, C. (2002). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Magro, M.C. (1979). Análise contrastiva e análise de erros – um estudo comparativo. *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, n.3, 124-133.
- Mai, R. (2006). *Aprender Português na China. O curso de Licenciatura em Língua e Cultura Portuguesas da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai: Estudo de caso*. Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Mai, R. (2012). *Ensino de Chinês a Falantes de Português, o caso da Universidade de Aveiro*. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Mai, R., Pereira, U. & Morais, C., (no prelo). *Gramática Básica de Chinês para Falantes de Português*. Aveiro: Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro.
- Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I. & Faria I. H. (2006). *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Lisboa: Editorial Caminho.
- Leiria, I. (1996). *Aquisição de língua não-materna. Um exemplo: o Aspecto Verbal*. In Faria, I.H., Pedro, E. R., Duarte, I. & Gouveia, C. (eds.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (pp. 323-330). Lisboa: Editorial Caminho.
- Perini, M. A. (1996). *Gramática descritiva do português*. 2ª ed. São Paulo: Editora Atica.
- Raposo, E. B. P., Nascimento, M. F. B., Mota, M. A. C., Segura, L. & Mendes, A. (2013). *Gramática do Português* (vol. 1). Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian.
- Raposo, E. B. P., Nascimento, M. F. B., Mota, M. A. C., Segura, L. & Mendes, A. (2013). *Gramática do Português* (vol. 2). Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian.
- Serôdio, C., Pereira, D., Cardeira, E. & Falé, I. (2011). *Nova Gramática Didática de Português*. Lisboa: Santillana Constância.
- Torre, M. G. (1985). *Uma análise de erros. Contribuição para o ensino da língua inglesa em*

Portugal (vol. 1). Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Vasconcelos, M. (1996). Compreensão e produção de frases relativas em Português Europeu. In Faria, I.H., Pedro, E. R., Duarte, I. & Gouveia, C. (eds.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (pp. 323-330). Lisboa: Editorial Caminho.

Vilela, M. (1999). *Gramática da Língua Portuguesa*. 2.^a ed. Coimbra: Livraria Almeida.

Villers, J. G., Flusberg, H. B. T., Hakuta, K. & Cohen, M. (1979). Children's comprehension of relative clause. *Journal of Psycholinguistic Research*, 8(5), 499-518.

Braga, D. M. S. (2012). *Compreensão de frases relativas em crianças com implante coclear*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.

Blogue do Instituto Internacional da Língua Portuguesa. (2016). *Aumenta número de falantes de Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://iilp.wordpress.com/2016/11/18/aumenta-numero-de-falantes-de-lingua-portuguesa/>

OpenLearn. (s.d.). *The Chinese Language*. Disponível em: <http://www.open.edu/openlearn/languages/chinese/beginners-chinese/content-section-1>

Anexo

Inquérito

Este inquérito é anónimo e destina-se a uma investigação de uma Dissertação de Mestrado. Obrigado pela colaboração. 此问卷调查采用不记名方式，用于硕士论文研究项目。感谢您的合作。

Parte I. Dados do aluno

1. Idade: _____ 2. Sexo: _____
3. Nacionalidade: _____ 4. Língua materna: _____
5. Há quantos anos estuda português? _____ anos (destes, _____ em Portugal)
6. Qual é a parte que acha mais difícil na aprendizagem das orações relativas(关系从句)?
 escolha da palavra relativa(关系词) adequada estrutura e compreensão da frase
7. Acha que as orações relativas são difíceis? sim não mais ou menos

Parte II. Exercícios

1. O pronome relativo sublinhado na frase é a correta? Se não, por qual deveria ser substituído?

1) *O tanque onde enchi com petróleo explodiu.*

está correto deveria ser substituído por _____

2) *Os alunos os quais fizeram o trabalho podem obter o diploma.*

está correto deveria ser substituído por _____

3) *O ano quando o presidente visitou Lisboa foi excelente para as colheitas.*

está correto deveria ser substituído por _____

4) *A rapariga quem me deu o livro estuda chinês há dois anos.*

está correto deveria ser substituído por _____

5) *O Pedro nunca criticava os filhos, que os incentivava.*

está correto deveria ser substituído por _____

6) *Eu não sei a idade que ele começou a trabalhar.*

está correto deveria ser substituído por _____

7) *Camões é um grande escritor cujas obras foram traduzidas para várias línguas.*

está correto deveria ser substituído por _____

8) *Ela é a pessoa sem quem ele não vive.*

está correto deveria ser substituído por _____

9) *Todos que viram o texto passaram no exame.*

está correto deveria ser substituído por _____

10) *A Mariana, quem nasceu em Aveiro, vai a Lisboa todos os meses.*

está correto deveria ser substituído por _____

2. O que é que a frase implica? Escolha a opção **correta** e classifique a frase de 1 a 5 no espaço **à direita** para avaliar a dificuldade que sentiu na sua compreensão.

(1-muito fácil; 2-fácil; 3-mais ou menos; 4-difícil; 5-muito difícil)

1). *O gato que o cão assustou caiu em cima do coelho.* _____

O cão caiu em cima do coelho.

O gato caiu em cima do coelho.

2). *O cão que saltou por cima do gato assustou o coelho.* _____

O cão assustou o coelho.

O gato assustou o coelho.

3). *O funcionário a quem o menino deu o livro é francês.* _____

O livro é francês.

O menino deu o livro ao funcionário.

4) *O rapaz de que é o gato partiu o prato branco.* _____

O gato é do rapaz.

O gato partiu o prato.

5) *O rapaz simpático que ele era dantes tornou-se agora muito rabugento.* _____

Dantes ele era simpático.

Dantes ele era muito rabugento.

6) *O livro sobre o qual saiu o comentário no jornal mudou a ideia da Maria.* _____

O comentário no jornal sobre o livro mudou a ideia da Maria.

O livro mudou a ideia da Maria.

7) *A diretora pela qual foi dada a ordem é muito rigorosa.* _____

A diretora que deu a ordem é muito rigorosa.

A ordem que foi dada pela diretora é muito rigorosa.

8) *A mesa onde a rapariga colocou o caderno tem desenhos.* _____

O caderno que foi colocado na mesa tem desenhos.

A mesa tem desenhos.

3. Escolha, em cada par, a frase que acha mais **difícil** de compreender.

1) *O cão mordeu o gato que saltou por cima do coelho.*

O cão que saltou por cima do coelho mordeu o gato.

2) *O homem que a menina beijou chamou a senhora.*

A senhora chamou o homem que a menina beijou.

Soluções dos exercícios do inquérito

- 1.1) deveria ser substituído por que
 - 1.2) deveria ser substituído por que
 - 1.3) deveria ser substituído por em que/no qual
 - 1.4) deveria ser substituído por que
 - 1.5) deveria ser substituído por o que
 - 1.6) deveria ser substituído por com que
 - 1.7) deveria ser substituído por cujas
 - 1.8) deveria ser substituído por a qual
 - 1.9) deveria ser substituído por quantos/os que
 - 1.10) deveria ser substituído por que
-
- 2.1) O gato caiu em cima do coelho.
 - 2.2) O cão assustou o coelho.
 - 2.3) O menino deu o livro ao funcionário.
 - 2.4) O gato é do rapaz.
 - 2.5) Dantes ele era simpático.
 - 2.6) O livro mudou a ideia da Maria.
 - 2.7) A diretora que deu a ordem é muito rigorosa.
 - 2.8) A mesa tem desenhos.
-
- 3.1) O cão mordeu o gato que saltou por cima do coelho.
 - 3.2) A senhora chamou o homem que a menina beijou.